

Universidade de Lisboa

Faculdade de Letras



# Desafios da Tradução Técnica: Manuais de Segurança e Policiamento

**Rita Morão Tavares**

Relatório do Estágio Curricular realizado no Instituto Superior  
de Ciências Policiais e Segurança Interna, sob orientação do  
Professor Doutor Rui Marques

Mestrado em Tradução

2021

## **Agradecimentos**

Um sincero bem-haja ao meu orientador de estágio, o Professor Doutor Rui Marques, pelo seu apoio imprescindível para a elaboração deste relatório.

À Doutora Cristina Reis, pelo valioso contributo e pela atenção com que me recebeu no ISCPSI.

À minha querida família.

## **Resumo**

[Desafios da Tradução Técnica: Manuais de Segurança e Policiamento]

Este relatório é fruto do trabalho desenvolvido durante o estágio profissionalizante realizado no âmbito do mestrado em tradução da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa durante o ano lectivo 2017/2018. O estágio teve lugar no Instituto de Ciências Policiais e Segurança Interna, no período compreendido entre Setembro de 2017 e Julho de 2018.

Mediante a aplicação dos conhecimentos adquiridos nos seminários de tradução científica/técnica, foi desenvolvido o trabalho de tradução de manuais respeitantes a medidas de policiamento e de segurança aplicáveis em diferentes tipos de situações. Este relatório procura dar a conhecer as principais questões de tradução, as estratégias utilizadas e a análise crítica das soluções apresentadas.

Palavras-chave: tradução técnica; desafios da tradução; estágio.

## **Abstract**

[Challenges in Technical Translation: Security and Policing Guidance]

This report come as the product of the activity undertaken throughout the professional internship within the scope of the master's degree in translation, delivered by the Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, in the time span of 2017-2018.

Bearing in mind the competences obtained during the translation seminars, a translation work was carried out, focused on security and policing guidance which is applicable to different types of scenarios. This report aims to expose the challenges underlying the translation, the strategies used and the critical analysis of the presented solutions.

Keywords: technical translation; translation difficulties; internship.

## Índice

<b>Introdução</b> .....	6
<b>I. O Estágio</b> .....	8
1.1 Apresentação da Instituição de Acolhimento .....	8
1.2 Caracterização do Estágio Curricular.....	9
<b>II. O Texto Técnico</b> .....	11
2.1 Definição de Texto Técnico.....	11
2.2 Características do Texto Técnico.....	14
2.3 Tradução Técnica vs. Tradução Científica.....	16
2.4 Tradução do Texto Técnico.....	17
<b>III. O Processo de Tradução</b> .....	20
3.1 Breve Enquadramento Histórico .....	23
3.2 As Competências do tradutor .....	27
3.3 A Importância da Análise do Texto.....	32
3.3.1 Elementos Extratextuais.....	33
3.3.2 Elementos Intratextuais.....	36
3.4 Problemas de Tradução e Dificuldades de Tradução .....	36
3.5 Estratégias de Tradução .....	39
3.6 A criatividade na tradução do texto técnico: manipulação?.....	49
<b>IV. Manuais de Segurança e de Policiamento</b> .....	52
4.1 Apresentação dos documentos.....	52
4.2 Características principais.....	53
4.3. Questões de Tradução.....	60
<b>Conclusão</b> .....	93
<b>Bibliografia</b> .....	94

## Introdução

O meu interesse pelo campo da tradução foi suscitado pelo desenvolvimento académico e profissional na área da música, designadamente na do canto lírico. Desde cedo, estive em contacto com inúmeros idiomas, com especial relevância para o francês, alemão, italiano, inglês, espanhol e latim. Um intérprete da área do canto lírico deve, numa primeira etapa de aproximação à obra, traduzir a letra da peça para que possa interpretar a sua mensagem. Ao contrário de grande parte das obras literárias, os textos de *lied* (canção alemã) ou *chanson* (canção francesa), não são acompanhados de traduções. Recai no cantor a responsabilidade de os traduzir. Igualmente importante é o conhecimento que o artista tem ou adquire, caso não seja uma língua familiar, da fonética dos idiomas. O público, se conhecedor da língua, deve perceber perfeitamente o que o intérprete diz, ao cantar.

Este processo desencadeou um estudo mais aprofundado das traduções, as quais não se podiam cingir à tradução literal ou tradução palavra-por-palavra, dada a natureza frequentemente poética das letras das obras.

Posteriormente, já no âmbito profissional decorrente do trabalho no Coro *Gulbenkian*, *Officium Ensemble* e *Nederlands Kamerkoor*, entre outros, pude ampliar o leque de línguas de trabalho, tendo interpretado, adicionalmente aos idiomas já referidos, obras em russo, arménio, húngaro, finlandês, mandarim e hebraico. Este trajecto levou-me a querer aprofundar o conhecimento técnico sobre a tradução e a enveredar pelo Mestrado em tradução oferecido pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Não obstante a minha indubitável queda para a vertente artística e literária da tradução, desenvolvi um acentuado interesse pela tradução técnica, particularmente nos seminários da área técnica/científica e, mais tarde, na tradução dos manuais de segurança e policiamento – designação escolhida para os documentos de trabalho -, aquando do estágio no Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna.

No trabalho elaborado durante o estágio, pude pôr em prática as competências adquiridas nos seminários fornecidos pela faculdade, estando já ciente, ao contrário das traduções no ramo musical, das estratégias que deliberadamente, porém sem conhecimento de causa, utilizava.

O presente relatório é referente ao trabalho produzido durante o estágio, no qual foram traduzidos dois manuais de segurança e policiamento, o primeiro do Departamento de Justiça dos Estados Unidos da América, e o segundo do NaCTSO - National Counter Terrorism Security Office, no Reino Unido. A análise das estratégias de tradução e das questões suscitadas durante o processo centram-se no segundo manual, o qual revelou ser mais complexo enquanto objecto de tradução.

Optei por dividir o relatório em quatro capítulos, sendo o primeiro sobre o estágio curricular e sobre a instituição de acolhimento; o segundo sobre o texto técnico, a sua definição, características e respectivo enquadramento histórico; o terceiro sobre o processo de tradução, competências do tradutor, importância da análise do texto e estratégias de tradução; e, por fim, o quarto, com a apresentação dos manuais de segurança e policiamento, as suas características principais, e questões de tradução de cariz lexical, sintático, pragmático e cultural.

# **I. O Estágio**

## **1.1 Apresentação da Instituição de Acolhimento**

O Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna (ISCPSI), localizado na Rua 1º de Maio, Nº 93, em Alcântara, Lisboa, é um estabelecimento policial de ensino superior público dotado de personalidade jurídica e de autonomia científica, pedagógica, administrativa, cultural, patrimonial e disciplinar. Responsável pela formação de oficiais destinados ao quadro de pessoal com funções policiais da Polícia de Segurança Pública, disponibiliza actividades de ensino, instrução, investigação e apoio à comunidade. A sua fundação remonta a 1979, época na qual lhe foi conferida a designação de Escola Superior da Polícia, a qual manteve até 1999, quando se procedeu à alteração do nome para Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna. A partir de 1994, os oficiais que frequentavam o curso de formação passaram a obter o grau universitário de Licenciatura em Ciências Policiais. Criada pelo DL nº423/82 de 15 de Outubro, a Escola Superior da Polícia iniciou as actividades no ano lectivo de 1984/85 e tem como missão:

- Organizar e ministrar cursos e estágio para oficiais de polícia;
- Organizar e ministrar outros cursos e estágios de aperfeiçoamento, reciclagem ou especialização de interesse para a PSP;
- Realizar, coordenar ou colaborar em projectos de investigação e desenvolvimento, integrados em objectivos de interesse nacional, nomeadamente no domínio da segurança interna.

O Instituto disponibiliza os seguintes cursos e estágios:

- Curso de formação de oficiais de polícia ou licenciatura em ciências policiais, com a duração de cinco anos
- Estágio de promoção a comissário;
- Curso de promoção a subintendente;
- Curso de promoção a superintendente;
- Curso de promoção a comissário;
- Curso de promoção a chefe de esquadra.



No plano da formação inicial, compete ainda ao Instituto:

- Promover a realização de conferências, seminários, colóquios, etc.;
- Estabelecer convénios com as universidades e outras instituições de ensino superior ou de investigação;
- No quadro da cooperação internacional, ministrar os cursos a candidatos provenientes de países estrangeiros, nomeadamente de expressão oficial portuguesa.

Aquando do processo de Bolonha, a licenciatura em Ciências Policiais sofreu a alteração para licenciatura com mestrado integrado.

O ensino tem regime interno: os alunos vivem no mesmo local onde estudam, o instituto. Após a conclusão da licenciatura, o aluno torna-se Subcomissário, o oficial da polícia portuguesa com graduação imediatamente inferior a comissário.

## **1.2 Caracterização do Estágio Curricular**

Conforme mencionado anteriormente, o estágio profissionalizante foi realizado no âmbito do plano curricular do mestrado em tradução, sob a orientação da Dr.<sup>a</sup> Cristina Reis, tradutora do instituto, cujo apoio foi fundamental para o desenvolvimento das minhas competências de tradução. O estágio teve início em Setembro de 2017 e terminou em Julho de 2018. A cada semestre corresponderam 120 horas de trabalho, perfazendo as 240 estipuladas, que procurei estender por cinco meses de forma a conciliar com a minha actividade profissional. Os dias da semana nos quais me desloquei ao Instituto foram a terça-feira e a quinta-feira, no primeiro semestre, e a segunda-feira e quinta-feira no segundo semestre no horário das 14h às 18h, salvo algumas excepções.

Ao longo do estágio, pude adquirir vocabulário específico da área judicial e aperfeiçoar determinadas técnicas de tradução. No final de cada sessão, o trabalho realizado era enviado à Dr.<sup>a</sup> Cristina Reis que, posteriormente, respondia com as propostas de alteração em forma de notas no documento Word. Antes de iniciar a tradução na sessão seguinte, o trabalho era revisto com a finalidade de compreender quais os aspectos a melhorar, assimilar os conhecimentos adquiridos e aplicá-los no novo excerto de tradução.

As propostas de alteração foram lidas com toda a atenção e interesse, porém nem todas levaram à mudança de determinadas escolhas inicialmente feitas, nomeadamente no que respeita às escolhas de vertente estilística. Naturalmente, cada tradutor tem a sua forma própria de redigir e esta questão está intimamente ligada ao tom que pretende conferir à sua tradução e, que na sua óptica, se adequa ao texto de partida e à manutenção da mensagem principal. Embora estejamos no ramo da tradução técnica que, à partida, pressupõe um estilo de escrita quase padronizado devido ao seu carácter informativo, creio que há sempre espaço de decisão para o tradutor e, por conseguinte, variações nas escolhas entre tradutores: “O uso da linguagem decorre de conhecimentos vários, incluindo o conhecimento da língua, e das capacidades que permitem a cada locutor pôr em prática tais conhecimentos, da capacidade para acionar o conhecimento prévio das situações de uso ao controlo da posição que detém em cada processo de interacção com os seus interlocutores. O uso da linguagem é em si mesmo um processo complexo cuja observação recruta um conjunto de pressupostos e perspectivas no âmbito quer da ciência cognitiva quer das ciências sociais” (Faria, 2003:57).

No foro das ferramentas de tradução utilizadas, a internet foi frequentemente empregue. Recorri aos *sites Linguee, Interqlot e Reverso* para esclarecer dúvidas relativas ao vocabulário e a páginas *web* centradas na temática das traduções, mormente aquando da tradução do documento proveniente dos Estados Unidos da América, o qual apresentava numerosos termos aos quais tive acesso pela primeira vez.

Os dicionários em papel foram igualmente objecto de pesquisa, principalmente para verificar se determinadas palavras existem em concreto na língua portuguesa da variedade europeia ou se são adequadas apenas à variedade brasileira.

Os dicionários são descritos por Nida (1964:1) como “descriptions of the distribution of language units (usually words) in terms of linguistic and cultural contexts, though in general the cultural contexts predominate”. O autor prossegue esclarecendo “by linguistic context we mean the frases or sentences in which such words are or have been used (...). By cultural context we mean the description of a process or object as part of the culture.”

## II. O Texto Técnico

### 2.1 Definição de Texto Técnico

O termo “texto técnico” é comumente compreendido como um texto desprovido de sentidos figurados, que pode ser assimilado através do seu significado literal. Mas no que consiste, de facto, um texto técnico e qual é a razão pela qual é designado desta forma?

Os textos podem ser agrupados em várias categorias consoante a sua estrutura e intenção, existindo diferentes tipologias. Na classificação de Nida (*apud* Newmark, 1988:13), estas categorias correspondem a textos de:

- Narrativa - “sequência dinâmica de eventos” na qual os verbos ocupam um lugar de destaque, designadamente quando conjugados em tempos verbais que confirmam movimento à narrativa, como é o caso do Pretérito Perfeito do Indicativo, diversamente ao Pretérito Imperfeito do Indicativo, que é mais habitual em sequências descritivas;
- Descrição - texto estático que dá primazia aos verbos copulativos, adjectivos e à adjectivação dos substantivos;
- Discussão – centrado em ideias, recorrendo a nomes abstractos (conceitos) e argumentação lógica.
- Diálogo – com ênfase nos coloquialismos.

A inserção do texto técnico numa destas categorias não é evidente. Poder-se-ia declarar que corresponde a uma discussão, porém este é precisamente o ponto que o distingue de texto científico. Ao passo que o texto científico é centrado em ideias que são apresentadas e discutidas através de argumentos lógicos, o texto técnico desenvolve-se em torno da informação a ser transmitida, da forma mais directa e simples possível. Naturalmente, não é comum encontrar um texto técnico que apresente reflexões ou um debate de ideias.

A busca por uma definição universal e precisa de texto técnico é uma missão sinuosa, o que não deixa de ser curioso, visto que corresponde ao objecto de trabalho

da grande fatia anual da tradução: segundo Byrne (2012:6), a tradução técnica ronda a percentagem de 90% da produção a nível mundial.

Luís Cavaco-Cruz também destaca a crescente importância do tradutor técnico, afirmando que “as equipas de tradutores são hoje elementos essenciais de qualquer projecto de globalização e integram equipas mais vastas constituídas por profissionais, tais como especialistas em marketing, designers, engenheiros, entre outros.” (Cavaco-Cruz, 2012:84)

Tal discrepância explica-se pelo facto de este domínio da tradução ter sido, de certa forma, renegado no que diz respeito aos seus estudos: a tradução técnica é considerada, por muitos, uma vertente pouco exigente e manifestamente menos virtuosa, especialmente quando comparada com o domínio da tradução literária.

É frequente encontrar autores que a consideram pouco merecedora de análise e que circunscrevam os seus desafios à questão da terminologia: “Technical translation has traditionally been regarded as the poor cousin of ‘real’ translation. Often regarded as a vocational, practical and at times rather basic type of translation, it has been largely neglected in the literature on translation theory. The work that has been done in this area has largely been restricted to terminological issues or technical issues.” (Byrne, 2006:9). A autora alerta para a ideia comumente pré-concebida de que a tradução técnica se consubstancia meramente em aspectos terminológicos, sem prejuízo da indiscutível importância da terminologia nesta área: “terminology is, perhaps, the most immediately noticeable aspect of a technical text and indeed it gives the fuel it needs to convey the information”. (Byrne, 3: 2006)

Numa tentativa de desconstrução do conceito e à luz da obra de Byrne, considere proficuo fazer menção ao significado isolado do adjectivo “técnico”. Do grego *techne*, significa o que “se refere a um domínio particular do conhecimento; que supõe ou exige preparação especializada.”<sup>1</sup> Para Byrne (2006:3), “technical means precisely that, something to do with technology and technological texts”. Esta ligação com a área da tecnologia também é frequentemente estabelecida por outros autores, como é o caso de Peter Newmark (1988). Afinal, esta área é, efectivamente, estimulada diariamente através da constante troca de informações, da evolução das

---

<sup>1</sup> Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea

tecnologias e da globalização. É um tipo de texto que está presente no quotidiano de grande parte das pessoas, podendo assumir várias formas, entre elas textos publicitários, relatórios técnicos e manuais de instruções, como é o caso do manual de instruções de utilização de um aparelho electrónico. Estes textos são concebidos para divulgar a informação técnica relativa a múltiplas vertentes, têm um carácter informativo e apresentam uma linguagem especializada.

No entanto, segundo Byrne (2006:3), nem sempre a presença da dita linguagem especializada vincula o texto à categoria de texto técnico. A autora afirma que, no âmbito da tradução técnica, é importante fazer a distinção entre tradução especializada e tradução técnica. Nesta medida, textos com terminologia especializada sobre diversas áreas, como é o caso do direito, da economia ou da religião, não fariam parte do espectro da tradução técnica.

Os autores Ellen Wright e Leland D. Wright (1993:1) assumem uma óptica abrangente no que diz respeito à tradução técnica, inserindo nesta área os documentos com linguagem especializada referente a várias técnicas, não somente a tecnologia, engenharia ou medicina. Neste sentido, os textos técnicos podem acolher áreas como o direito, a economia ou a psicologia. Todas estas áreas utilizam uma linguagem especializada, ou seja, “um subsistema autónomo que tem como objectivo a transmissão de conhecimentos linguísticos especializados, em situações de comunicação (escritas ou orais) relativas a grupos socioprofissionais”. (Contente, 2008:34)

À luz das pesquisas efectuadas, a análise da definição do texto técnico foi pautada pela sua função central: a preservação do significado e transmissão exacta da informação. Desta forma, entende-se por texto técnico o texto cuja informação é apresentada ao leitor de forma a que este possa compreendê-la e aplicá-la no domínio em questão.

## 2.2 Características do Texto Técnico

Para Newmark (1988:151), a linguagem técnica é geralmente desprovida de linguagem emocional, conotações, efeitos sonoros e metáforas. A escrita técnica deve respeitar os princípios de brevidade e clareza, caso contrário ganhará contornos que impossibilitam a função predominante deste tipo de texto – referencial/informativa. A brevidade consiste na inexistência de palavras, frases e expressões irrelevantes ou redundantes. A clareza pressupõe a apresentação de informação ou ideias de forma lógica, perceptível e desprovida de ambiguidade.

Neste sentido, o autor Mark Herman destaca a necessidade de clareza, concisão e exactidão como características expectáveis não só na tradução do texto técnico mas também na elaboração do texto técnico em si: “Clarity, concision and correctness, the principal goals of technical writing, are simultaneously those of technical translation; an excellent technical translator is an excellent technical writer” (Herman, 1993:11).

Outros dos elementos caracterizadores deste tipo de texto é a utilização recorrente de terminologia – o conjunto organizado de termos técnicos relativos a uma determinada ciência ou arte ou linguagem especializada –, pela estrutura das frases e composição do texto padronizados e pela sua estrutura lógica. Por linguagem especializada, entende-se “um subsistema constituído por um léxico especializado que integra o sistema geral da língua, sendo este subsistema um reflexo da organização cognitiva e conceptual de áreas científicas, um meio de expressão e de comunicação de conhecimentos especializados” (Contente, 2008: 29 *apud* Rocha, 2013:43).

Os materiais da linguagem especializada dizem respeito a áreas ou domínios com elevado grau de especialização, são direccionados para um determinado público ou audiência através de meios de transmissão específicos e utilizados por especialistas em circunstâncias específicas. (Gouadec, 2007:28)

Apesar de alguns autores defenderem que a terminologia é a característica linguística mais distintiva dos textos técnicos, Newmark (1988:151) afirma que a terminologia corresponde apenas a 5-10% do conteúdo de um texto técnico.

No que concerne à organização, Baker (1992: 172) defende que “A translator cannot always follow the thematic organization of the original. If at all possible, the translator should make an effort to present the target text from a perspective similar to that of the target text. What matters is that the target text has some thematic organization of its own, that it reads naturally and smoothly and does not distort the information structure of the original.” Deste ponto de vista, o tradutor tem alguma liberdade para organizar os temas da forma que julgue ser mais benéfica para o resultado final. Devido à elevada quantidade de termos e processos técnicos apresentados por este tipo de texto, é essencial que se crie uma linha condutora de raciocínio para que o receptor capte facilmente a mensagem/informação, nomeadamente através do emprego adequado de pontuação e articuladores ou conectores discursivos.

Ao nível lexical, o traço mais evidente do texto técnico é a utilização de termos técnicos. Os termos técnicos – geralmente substantivos – pululam na composição deste género, tornando o texto menos susceptível à subjectividade e, porventura, a ambiguidades.

Finalmente, seria redutor e erróneo circunscrever a tradução técnica à mera tradução literal, num processo desprovido de preocupação relativamente ao estilo. Na concepção de Byrne (2006: 4), o estilo é igualmente, senão mais, importante na tradução técnica comparativamente a outras áreas: “the limited space available requires both the author and translator alike to express information in a way which is sufficiently clear, simple and concise as to allow readers to understand the information completely and quickly but which nevertheless conveys all of the necessary facts”.

A linguagem técnica raramente comporta nuances expressivas ou emotivas, facto perfeitamente justificável pela sua finalidade central – difundir informação de forma isenta, eficaz e prática. Deste ponto de vista, não é aconselhável a utilização de interjeições ou de outras marcas de expressividade, embora a sua presença não invalide a inserção deste tipo de texto na categoria técnica.

Sobressai, ainda, o carácter impessoal do estilo técnico, marcado frequentemente na língua inglesa pelo uso da voz passiva, a qual permite não especificar o agente da acção, ou pelo recurso ao pronome pessoal da primeira pessoa do plural, “we”, estratégias disponíveis igualmente para o português, a par de várias outras. A língua portuguesa dispõe de várias estratégias para expressar a impessoalidade, entre elas, a utilização do “se” apassivante (“caminhava-se muito antigamente”), do “se” impessoal (“vê-se bem daqui”) e de orações com sujeito nulo expletivo (“há poucas partituras disponíveis”).

Em suma, as características centrais do texto técnico são:

- A **terminologia específica** da temática apresentada;
- A **estrutura frásica padronizada**;
- A **objectividade** do conteúdo informativo.

### **2.3 Tradução Técnica vs. Tradução Científica**

Debrucemo-nos sobre a importante distinção entre tradução técnica e tradução científica, a qual releva devido à crença generalizada de que representam o mesmo ramo da tradução.

Tal como Byrne (2006:7) refere, “one of the greatest fallacies when discussing technical translation is to somehow lump it together with scientific translation, or worse still, to use the two terms interchangeably. (...) Despite the obvious connection between the two, they both deal with information based, to varying degrees, on the work of scientists, scientific translation is quite distinct from technical translation. Certainly, they both contain specialized terminology and, on the surface, deal with complicated scientific subject matter but it is all too easy to overestimate these apparent similarities at the expense of other, more compelling, differences.”

Não obstante a apreciação crítica da autora, é natural que haja espaço para esta concepção errónea, visto que tanto a vertente científica como a vertente técnica da tradução apresentam terminologia especializada, dados provenientes de investigações científicas, linguagem precisa, breve e sucinta, dando uso à forma impessoal e à voz passiva.



Segundo Byrne, a melhor forma de distinguir estas duas vertentes pode ser alcançada através do significado das palavras “científico” e “tecnológico”, que provêm, respectivamente dos termos “ciência” e “tecnologia”.

Ciência é o “conjunto dos conhecimentos exactos, universais e verificáveis, expressos por meio de leis, que o homem tem sobre si próprio, sobre a natureza, a sociedade e o pensamento” ou o “sistema ou conjunto de conhecimentos relativos a um assunto ou objecto determinado, em especial, os obtidos mediante a observação, a experiência dos factos e um método próprio.”<sup>2</sup>

Tecnologia é o “conjunto dos conhecimentos científicos, dos processos e dos métodos usados na produção, distribuição e utilização de bens e serviços”.

Na análise de Byrne (2006:8), “scientific translation relates to pure science in all of its theoretical, esoteric and cerebral glory while technical translation relates to how scientific knowledge is actually put to practical use, dirty fingernails and all.” A tradução técnica trabalha com textos tecnológicos. Ou, mais especificamente, com textos cujo objecto se baseia no conhecimento aplicado das ciências naturais (2006:3).

## **2.4 Tradução do Texto Técnico**

“By the term “translation” we mean here the version of a source text in a target language where the primary effort has been to reproduce in the target language a text corresponding to the original as its textual type, its linguistic elements, and the non-linguistic determinants affecting it.” (Reiss, 2000: 90)

A tradução de um texto técnico, assim como a tradução de todos os tipos de texto, deve produzir um resultado que corresponda com exactidão a nível semântico ao texto original. Esta missão requer várias competências por parte do tradutor – componentes de conhecimento linguístico, gramatical, sociolinguístico e estratégico (Bell, 1991: 41) - e, se possível, experiência no domínio em questão. Desta forma,

---

<sup>2</sup> Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea

poderá movimentar-se melhor no texto e reconhecer imediatamente a terminologia consoante o seu contexto, graças ao conhecimento especializado do vocabulário.

O tradutor deve, ainda, desenvolver a sua capacidade de pesquisa e investigação, principalmente se trabalhar com textos de várias áreas. A profissão de tradutor pode ser extremamente versátil no que diz respeito às temáticas trabalhadas, sendo uma das profissões mais permeáveis ao contacto com outras áreas. É extremamente útil que o tradutor tenha a possibilidade de consultar um profissional da área do tema central para que o ajude a encontrar o equivalente adequado para um determinado termo que desconhece. Se tiver possibilidade de escolha, o tradutor pode focar-se nas áreas que lhe despertem mais interesse e em domínios relacionados, criando a sua própria “árvore de especialização” à medida que deixa crescer os seus “ramos de conhecimento.”

No campo da tradução especializada, é frequente encontrar profissionais cuja formação corresponde a áreas técnicas específicas, tais como o Direito, a Química ou a Engenharia. O estudo técnico e científico que absorveram destas áreas permite-lhes, em conjunto com o conhecimento das suas línguas de trabalho, executar uma tradução com tanta qualidade como a de um profissional formado na área da tradução. Um advogado que possua um bom domínio das línguas de trabalho pode dedicar-se profissionalmente à área da tradução jurídica, sem que lhe seja exigida formação na tradução.

Talvez seja esta a razão pela qual exista ainda a crença de que a formação na tradução é dispensável e que basta deter conhecimento altamente especializado numa determinada área e conhecimento razoável de línguas. Recairá, igualmente, sobre este ponto, uma justificação plausível para a escassa produção de estudos na área da tradução técnica. A menos que o profissional tenha particular interesse e competência para desenvolver um estudo minucioso, não dará início a uma investigação aprofundada sobre as questões de tradução da sua área de especialização.

Não obstante, o conhecimento teórico das estratégias de tradução constitui uma mais-valia para o tradutor e possibilitará um produto final mais rigoroso ao nível de qualidade do processo de tradução.

Ao nível lexical, o tradutor pode ser confrontado com determinados termos técnicos cuja presença no léxico da língua de chegada ainda é muito recente ou, até mesmo, inexistente. Nesta medida, é difícil avaliar a “legitimidade linguística” de um

termo admitido numa língua, geralmente pela via oral e por decalque. Cabe ao tradutor discernir entre a adoção do termo e a substituição por um equivalente que já exista na língua de chegada. Um tradutor atento deve admitir e acompanhar a realidade da mutação constante da língua, porém também deve reconhecer o quão complexa e controversa é a tarefa de traçar a fronteira a partir da qual já se verifica uma abordagem quase anárquica em relação à língua.

### III. O Processo de Tradução

“Translation has its own excitement, its own interest. A satisfactory translation is always possible, but a good translator is never satisfied with it. (...) He works on four levels: translation is first a science, which entails the knowledge and verification of the facts and the language that describes them-here (...); secondly, it is a skill, which calls for appropriate language and acceptable usage; thirdly, an art, (...) the creative, the intuitive level of translation; lastly, a matter of taste, where argument ceases, preferences are expressed, and the variety of meritorious translations is the reflection of individual differences.” (Newmark, 1988: 6)

Os processos de tradução fazem parte do quotidiano de todas as pessoas, as quais podem fazê-lo deliberadamente ou, pelo contrário, de forma involuntária. Octavio Paz (1971), apresenta esta ideia de omnipresença da tradução, ao dizer que “a própria língua, na sua essência, já é uma tradução: primeiramente do mundo não-verbal e, em segundo lugar, porque cada signo e cada frase é a tradução de outro signo e de outra frase.”

Por seu turno, Rabin (*apud* Secker and Warburg, 1958:123) define a tradução de forma pragmática, dizendo que a tradução “is a process by which a spoken or written utterance takes place in one language which is intended and presumed to convey the same meaning as a previously existing utterance in another language. It thus involves two distinct facts, a ‘meaning’, or reference to some slice of reality, and the difference between two languages in referring to that reality.”

Dada a importância deste acto e a relação indissolúvel entre teoria e prática, é essencial que o tradutor compreenda os processos que levam ao produto. Este produto é, na óptica de Bassnet (2003), “o resultado de um complexo sistema de descodificação e recodificação nos níveis semântico, sintáctico e pragmático”.

No decorrer do desenvolvimento dos estudos de tradução, surge, então, a teoria da tradução, a qual não é, nem pretende ser, uma área composta por normas taxativas. É antes uma porta para possibilitar o conhecimento e compreensão dos processos envolvidos no acto de traduzir.

Neste acto, o tradutor assume um papel duplo: receptor e emissor. Nas palavras de Bassnet (2003), “é o fim e o princípio de duas correntes de comunicação, separadas mas interligadas”.

A tradução pode ser de três tipos, tal como sugere Jakobson no seu *Ensaio sobre os aspectos linguísticos da tradução* (233: 1959):

- **Interlinguística** – quando se traduz um texto de uma língua para a outra (interpretação de signos verbais por meio de signos de outra língua).
- **Intralinguística** – interpretação de signos verbais por meio de outros signos da mesma língua.
- **Intersemiótica** – interpretação de signos verbais por meio de um sistema de signos não-verbais.

Nesta perspectiva, a tradução interlinguística corresponderia a uma tradução; a tradução intralinguística tratar-se-ia de uma reformulação; e, finalmente, a tradução intersemiótica seria considerada, tal como defende Jakobson, uma transmutação.

Por seu turno, Nord distingue entre tradução semântica e tradução comunicativa (Nord, 1991:11):

<b>Tradução Semântica</b>	<b>Tradução Comunicativa</b>
Centrada no autor.	Centrada no leitor.
Explora o processo de pensamento do autor, focando-se no pensamento.	Explora a intenção do autor, focando-se no discurso.
Preocupação relativamente à individualidade do autor.	Torna o pensamento e conteúdo cultural do texto original mais acessível ao leitor, através de um processo de adaptação.
Direccionada para a vertente semântica e sintática com o cuidado de preservar, o máximo possível, o tamanho das frases, a posição das palavras, a estrutura frásica etc.	Direccionada para o efeito. Os aspectos formais e originais são sacrificados mais facilmente.
Fiel, mais literal.	Fiel, com mais liberdade.
Informativo.	Prático, eficaz.
Causa frequentemente maior estranheza, sendo mais detalhada e complexa, no entanto mais sintetizada.	Oferece uma leitura mais fácil, natural, leve, simples, clara, directa, convencional, consentânea com o registo

	particular da língua. Mais extensa.
Pessoal.	Social.
Influenciada pela língua de partida.	Influenciada pela língua de chegada.
“Over translated”: mais concentrada e mais específica do que o texto original.	“Under-translated”: utilização de termos genéricos.
Mais poderosa.	Menos poderosa.
Sempre inferior ao original devido à perda de significado.	Com a possibilidade de ser melhor do que o original devido à maior clareza, apesar da perda de conteúdo semântico.
Desprovida de tempo ou espaço: ‘eterno’.	Efêmero e enraizado no seu contexto: ‘existencial’.
Geral e universal.	Feita à medida ou direcionada para uma categoria de leitores; preenche uma função em particular.
Não admite imprecisão.	Admite um determinado nível de ornamentação, sinonímia estilística e modulação discreta, sem prejuízo de que os factos sejam directos.
O tradutor não pode corrigir ou melhorar o conteúdo.	O tradutor pode corrigir e melhorar a lógica e estilo do original, clarificando ambiguidades e a gíria.
As incorrecções do original devem ser identificadas apenas através de notas de rodapé.	O tradutor pode corrigir erros ou factos do original.
Unidade de tradução: centra-se nas palavras e orações.	Unidade de tradução: centra-se nas frases e nos parágrafos.
Aplicável a todos os textos com a expressividade original.	Aplicável a textos impessoais.
O trabalho de tradução é uma arte.	O trabalho de tradução é uma técnica.
Geralmente fruto do trabalho de apenas um tradutor.	Por vezes produto do trabalho de uma equipa de tradução.
Conforma-se com a posição ‘relativista’ da relatividade cultural.	Conforma-se com a posição ‘universalista’, assumindo que a tradução

exacta é exequível.

Significado.

Mensagem.

Objectivo: uma versão fidedigna, exacta.

Objectivo: uma versão ‘feliz’, bem-sucedida.

### 3.1 Breve Enquadramento Histórico

“La historia de la traducción es a la vez larga e breve. Breve porque sólo desde hace pocos años se há empezado a estudiar como un área de conocimiento aparte. Y larga porque, em realidade, el ser humano traduce desde sempre.” (Claramonte, 1995:13)

A tradução tem vindo a acompanhar o ser humano ao longo dos séculos. Alguns autores, nomeadamente Jacobsen, defendem que a tradução é uma invenção dos romanos, os quais atribuíam a este acto o papel crucial de adquirir e transmitir a sabedoria, com especial foco para as obras *Libellus de optumo genere oratorum* de Cícero e a *Ars Poetica* de Horácio, como ponto de partida da actividade de tradução. (2004).

Malmkjaer fundamenta este marco: “the reason is that these are among the earliest writings about translation still extant and that they have had a significant effect on the development of translation theory in the West” (Malmkjaer, 2005:2). Não obstante, a autora alerta para o facto de a tradução ter sido desenvolvida, provavelmente, desde a invenção da escrita, embora não tenha chegado documentação aos nossos dias que sustente tal afirmação.

A tradução durante o período romano foi maioritariamente centrada em textos filosóficos e literários, de grego para latim. Cícero, tal como Horácio, concebe, nesta época, uma distinção entre tradução literal e tradução do sentido: “Se traduzo palavra por palavra, o resultado soará estranho, e se levado pela necessidade altero algo na ordem e nas palavras, parecerá que me afastei da função de tradutor.” Ainda assim, haveria uma tendência para enobrecer os textos: “Translation, however, was perceived to provide added value to texts” (Malmkjaer, 2005:2). Ainda de acordo com Malmkjaer, Cícero afirmou que “by giving Latin form to the text I had read, I could only make use of the best expressions in common usage with us, but I could also coin

new expressions, analogous to those used in Greek, and they were no less well received by our people, as long as they seemed appropriate”.

Neste âmbito, os romanos inclinar-se-iam para o enriquecimento ou ornamentação da língua através da tradução, sem prejuízo da advertência de Horácio quanto ao controlo necessário no processo de criação de novas palavras.

A tradução da bíblia foi outra influência incontornável da tradução ocidental. Para além da missão estética, o tradutor detinha uma missão doutrinária (Bassnett, 2003:83). Ao passo que a criatividade e virtuosidade traçavam a actividade de tradução na época romana, a tradução da Bíblia era pautada pela preocupação de alcançar o resultado mais autêntico e acessível na transposição da palavra divina: “While the quest for authenticity tends to pull Bible translators in the direction of exact rendition of the original, the quest for accessibility tends to make them lean toward a degree of licence, particularly in matters of imagery” (Malmkjaer, 2005:3).

No documento *Liturgicam Authenticam* encontramos a seguinte ideia: “...it is to be kept in mind from the beginning that the translation of the liturgical texts of the Roman Liturgy is not so much a work of creative innovation as it is of rendering the original texts faithfully and accurately into the vernacular language. While it is permissible to arrange the wording, the syntax and the style in such a way as to prepare a flowing vernacular text suitable to the rhythm of popular prayer, the original text, in so far as possible, must be translated integrally and in the most exact manner, without omissions or additions in terms of their content, and without paraphrases or glosses. Any adaptation to the characteristics or the nature of the various vernacular languages is to be sober and discreet”. (Long, 2005:6)

A este propósito, Lourenço (Lourenço, 2016:18) faz referência a vários termos traduzidos da Bíblia grega que diferem da tradução da vulgata latina. Esta é uma tradução que “pretende ajudar as leitoras e leitores a descobrirem a extraordinária riqueza das próprias palavras que constituem o texto bíblico, palavras essas que têm por vezes sentidos bem diferentes daqueles que se convencionou considerar obrigatórios nas traduções pensadas para serem lidas em contexto eclesial cristão.” Considere-se o exemplo da famosa expressão “Cordeiro de Deus”, do latim



*agnus dei*. Proveniente do aramaico *talya*, também podia ter o significado de “servo”, ao invés da representação teriomórfica atribuída à figura de Jesus. Este caso é particularmente interessante pela possibilidade de constituir um lapso que se perpetuou, instalando-se como metáfora conceptual até aos nossos dias.

A história da tradução foi profundamente marcada por um acontecimento incontornável da história da comunicação escrita: a invenção da imprensa, no século XV, por Gutenberg. Esta invenção permitiu a impressão maciça de livros e a tradução de vários textos para as línguas vernáculas – até à data, a produção de livros na Europa era feita através de manuscritos por escribas, nomeadamente pelos monges copistas que se ocupavam diariamente da produção de livros manuscritos. Este método abarcava frequentemente alterações ou omissões do texto original, o que nos leva a imaginar a quantidade infindável de termos ou de conceitos que possam ter sofrido modificações. A imprensa veio diminuir a possibilidade constante de modificação do texto e permitiu que um número crescente de pessoas tivesse acesso aos livros e, por conseguinte, ao conhecimento.

As primeiras teorias de tradução terão surgido no século XV, com especial destaque para Etienne Dolet, que escreveu *La manière de bien traduire d'une langue en autre* (1540). Dolet procurava uma aproximação à cultura linguística e literária das línguas clássicas através da tradução, a qual enriqueceria o idioma de partida. Nas suas reflexões, Dolet define os cinco critérios a seguir por um tradutor competente (Bassnett, 2003:97):

- Percepção plena da temática e do sentido do texto original
- Conhecimento aprofundado das línguas de trabalho
- Menor utilização, tanto quanto possível, da tradução literal
- Conhecimento e uso da língua corrente
- Cuidado com a coerência e harmonia do texto.

Na segunda metade do século XX, a crescente complexidade social e o desenvolvimento inter-cultural brotavam de um cenário profundamente marcado pelas duas guerras mundiais, pelas questões coloniais e pelo desaparecimento vagaroso dos

impérios europeus. Era o fim de uma concepção geral de homogeneidade cultural, em prol da diversidade e pluralidade social e cultural.

A tecnologia, através da rádio, da televisão ou de meios de transporte mais rápidos, “made the world at once smaller and multiple” (Lopes, 2017:8)

Com o desenfreado desenvolvimento tecnológico, a tradução de textos técnicos ganhou relevância, embora tenha permanecido até aos dias de hoje na sombra da tradução literária. Segundo Javier Franco Aixelá (2004), os teóricos da primeira metade do séc. XX estavam focados na tradução literária, especialmente na tradução da Bíblia, que é, efectivamente, a obra mais traduzida da história da humanidade. As referências à tradução de textos técnicos eram parcas ou inexistentes.

A partir da segunda metade do século XX, a par do crescimento da investigação científica e tecnológica e para dar resposta à procura por traduções de áreas cada vez mais especializadas, o estudo da tradução técnica começou a ganhar espaço na área dos estudos da tradução. Todavia, foi apenas no período compreendido entre 1970 e 1990 que os estudos da tradução ganharam outro relevo com autores incontornáveis como o tradutor israelita Gideon Toury ou a linguista alemã Katharina Reiss.

Embora se verifique um crescimento exponencial desta área durante as últimas décadas, é impossível falar da história da tradução técnica sem fazer múltiplas referências à tradução literária.

Relativamente ao progresso da tecnologia no que diz respeito à competência de tradução, a primeira máquina digital, que permitia executar operações de tradução semelhantes à de uma pessoa com auxílio de um dicionário, surgiu em 1950. Cruciais para esta inovação foram Booth, em 1946, e, posteriormente, Richens, ao avançarem com a ideia de um dicionário contido na memória de uma máquina computadorizada. Numa fase ainda embrionária, o dicionário seria convencional, o que traria limitações práticas ao nível da utilidade do sistema, visto que “when a human linguist makes use of a dictionary, he is not merely utilizing the information contained in the dictionary itself, but also a considerable basic knowledge of the language from which translation is to be effected.” (Booth, 1958: 92)

No sentido de preencher esta lacuna, os autores defenderam que os dicionários deviam ser construídos mediante um novo conceito: ao invés do infinitivo dos verbos,

das formas singulares dos substantivos, entre outros, “there should be stored the stem of these words, the stem being defined as the longest segment of a given word which is common to all of its parts”. Esta ideia possibilitou a diminuição considerável do número de palavras armazenadas no dicionário digital, constituindo um importante passo para o desenvolvimento da tradução computadorizada.

Embora a tradução digital esteja a desenvolver-se a passos largos, ainda são frequentes as ambiguidades das soluções apresentadas por vários programas, o que bem se compreende visto que uma só palavra pode ter vários significados, dependendo do contexto em que é utilizada. Os termos não podem ser analisados isoladamente, sendo o seu significado e a sua definição indestrinçáveis da área de conhecimento em que se inserem.

A periodização da história da tradução não é clara e, segundo Bassnett (2003), “é virtualmente impossível dividir períodos por datas, porque a cultura humana é um sistema dinâmico.” Não obstante, George Steiner define quatro períodos da história, teoria e prática da tradução:

- Primeiro – desde Horácio e Cícero até 1791, data de publicação da obra *Essay on the Principles of Translation*, de Alexandre Fraser Tytler, caracteriza-se por uma orientação empírica.
- Segundo – desde 1791 até 1946, data da publicação de *Sous l’invocation de Saint Jérôme*, de Larbaud, consiste num período de teoria e investigação hermenêutica.
- Terceiro – tem início com a publicação de textos sobre tradução automática nos anos quarenta do séc. XX.
- Quarto – começa nos anos setenta.

### **3.2 As competências do tradutor**

Se perguntássemos a várias pessoas qual seria a principal competência expectável num tradutor a resposta maioritária certamente recairia, *grosso modo*, no conhecimento linguístico. Efectivamente, é necessário que um tradutor conheça bem

as suas línguas de trabalho mas nem sempre lhe é exigido que tenha aprofundado determinadas áreas tais como semântica ou a sintaxe.

Nas suas reflexões sobre a natureza da tradução Nida (1964:79) refere esta questão: “In view of the fact that one can translate without knowing anything about linguistics, even as one can speak a language without being a student of the science of language, many persons have concluded that translation is scarcely even an aspect of applied linguistics. Rather, it has often been regarded only as a more complicated form of talking or writing, in which one decodes from one language and encodes into another.”

No entanto, um tradutor que detenha competências linguísticas especializadas estará munido com armas consideravelmente mais úteis no caso de línguas cujas diferenças gramaticais sejam notórias: “However, a careful analysis of exactly what goes on in the process of translating, especially in the case of source and receptor languages having quite different grammatical and semantic structures, has shown that, instead of going directly from one set of surface structures to another, the competent translator actually goes through a seemingly roundabout process of analysis, transfer, and restructuring” (Nida, 1964:79).

Como alicerce indispensável da competência do tradutor, surge a textualidade. Este termo diz respeito à designação do “conjunto de propriedades que uma manifestação da linguagem humana deve possuir para ser reconhecida como texto. As propriedades mais significativas são a aceitabilidade, a situacionalidade, a intertextualidade, a informatividade e a conectividade” (Duarte, 2003:87). Teremos, desta feita, um conjunto de signos linguísticos dotado de sentido e unidade (aceitabilidade), com relevância para uma determinada situação (situacionalidade), inserido em modelos textuais (intertextualidade), com elevado grau de ocorrências textuais de forma a exacerbar a utilização dos recursos de processamento do receptor (informatividade) e interdependência semântica entre ocorrências textuais (conectividade).

Hatim e Mason consideram que o tradutor tem simultaneamente o papel de receptor e de emissor: “we would like to regard him or her as a special category of

communication, one whose act of communication is conditioned by another previous act and whose reception of that previous act is intensive (1997:2).

Por seu turno, Lima (2010:51) destaca as duas funções fundamentais do tradutor: o de tradutor e o de mediador. “O papel comum do tradutor como intérprete é visto como um modelo de comunicação baseado na transferência, visto que o tradutor se propõe atribuir sentido àquilo que os outros dizem e transmitir por outras palavras, de modo a permitir uma conversação entre pessoas que não podem (ou não querem) falar numa determinada língua. O tradutor trabalha, portanto, numa interacção que se fundamenta no modelo dialógico da língua e do uso da língua.”

A componente comunicativa é explorada por Mason (2001) que, numa adaptação da classificação quadripartida de Canale (1983 *apud* Richards, 2013: 3), descreve os sistemas de conhecimento e competências inerentes ao acto comunicativo na tradução da seguinte forma:

- Competência gramatical – o tradutor deve ter um conhecimento aprofundado da gramática das suas línguas de trabalho.
- Competência sociolinguística – ser conhecedor do enquadramento socio-cultural de cada idioma.
- Competência discursiva – possuir aptidão no que diz respeito à criação de um texto coeso.
- Competência estratégica – arranjar estratégias para contornar dificuldades de tradução, melhorando a eficácia de comunicação entre o autor do texto de partida e o receptor do texto de chegada.

Segundo o humanista francês, Etienne Dolet, um dos primeiros autores a elaborar uma teoria da tradução, o tradutor deve:

- Compreender perfeitamente o sentido e o significado desejados pelo autor do texto original, ainda que lhe seja dada autonomia para esclarecer questões de ambiguidade;
- Possuir um conhecimento cabal tanto da língua de chegada como da língua de partida;
- Sempre que possível, evitar as traduções à letra;

- Usar uma linguagem e terminologia de utilização corrente;
- Definir a escolha e coordenação das palavras que possibilitem o estilo ou carácter adequado.

Schleiermacher dá particular importância à questão cultural, defendendo que o tradutor deve proporcionar ao leitor as mesmas emoções e imagens que a obra original oferece (2004: 63).

Pym (1992: 5) também se debruça sobre a relevância da interculturalidade: “since the very nature of translation is to cross and to change cultural frontiers, competent translators must be able initially to straddle those frontiers”. O autor faz uma analogia entre o papel do tradutor e o papel de um espião, o qual deve infiltrar-se em culturas distintas da sua sem, no entanto, comprometer a lealdade à sua própria cultura. Deve, por conseguinte, mover-se numa zona de intersecção entre culturas.

A posição de Nida é divergente da do autor Pym, dada a sua afirmação de que o tradutor deve saber abrir a cortina das diferenças linguísticas e culturais para que a relevância da mensagem original possa ser vista de forma clara. (Nida, 1986: 14). Contudo, há também no autor a preocupação de permitir ao leitor da língua de chegada a mesma resposta que tem o leitor da língua de partida, valorizando a transparência do discurso: “an easy and natural style in translating, despite the extreme difficulty of producing it (...) is nevertheless essential to that of the original receptors”. (Nida, 1964: 163).

Lawrence Venuti (1995: 1) dá especial ênfase à capacidade de “invisibilidade” do tradutor na medida em que torne a tradução imperceptível para o leitor. O tradutor deve produzir um resultado tão transparente quanto possível através da utilização de um discurso fluente, da acessibilidade da leitura do texto e da precisão sintáctica e gramatical: “a translated text (...) is judged acceptable (...) when it reads fluently, when the absence of any linguistic or stylistic peculiarities makes it seem transparent, giving the appearance that it reflects the foreign writer’s personality or intention or the essential meaning of the foreign text – the appearance, in other words, that the translation is not in fact a translation, but the ‘original’. The illusion of transparency is

an effect of fluent discourse, of the translator's effort to ensure easy readability by adhering to current usage, maintaining continuous syntax, fixing a precise meaning."

Quanto à terminologia, é natural que um tradutor não a domine por completo e faça uso de meios auxiliares, tais como o dicionário. No capítulo dedicado ao uso da linguagem, frequência de uso e variação, as autoras da Gramática da Língua Portuguesa (2003:66) referem que "o conhecimento que cada falante tem é sempre superior àquilo que cada falante tem consciência de saber. Este aspecto é facilmente verificável a nível do vocabulário utilizado. Cada falante dispõe de um vocabulário activo que é o que frequentemente utiliza e de um vocabulário passivo a que foi exposto e que, de algum modo, armazenou na memória mas que, por razões várias, não utiliza ou não tem oportunidade de utilizar. Este léxico passivo pode vir a ser recuperado da memória, isto é, pode vir a ser tornado activo em determinadas situações, nomeadamente de resposta a solicitações explícitas." É o caso do tradutor que constantemente depara com termos que, não obstante a possibilidade de terem surgido previamente noutro trabalho de tradução, não estão "cristalizados" no seu vocabulário activo.

Finalmente, no que diz respeito à tradução do texto técnico, Byrne estabelece as cinco principais competências que o tradutor técnico deve possuir. São elas:

- Os conhecimentos da área relevante;
- As competências de escrita;
- As competências de investigação/pesquisa;
- O estudo dos tipos de texto;
- O conhecimento das técnicas pedagógicas.

Após a conclusão da tradução, esta é frequentemente revista por profissionais com conhecimento especializado na área, podendo ser alvo de modificações caso o revisor assim o decida. O que bem se compreende, dada a seguinte reflexão: "translators themselves are no more immune from power displays than are the reader and the original text and author. The appearance of the words *Translated by* on the title page deceives both reader and critic, since most readers (although critics ought to know better) do not realize that the text of a translation in the case of published books in

particular is rarely all the translator's own work; it is usually submitted to a copy editor or other translation revisor, who normally exercises considerable influence in shaping the final product.” (Hatim e Munday, 2004:203)

### **3.3 A Importância da Análise do Texto**

A compreensão de um texto passa inevitavelmente pela sua análise, mormente através do estudo dos elementos intratextuais e extratextuais. Nord (2005: 1) defende que “Translation-oriented text analysis should not only ensure full comprehension and correct interpretation of the text or explain its linguistic and textual structures and their relationship with the system and norms of the source language (SL). It should also provide a reliable foundation for each and every decision which the translator has to make in a particular translation process.”

De igual forma, também a tradução de um texto deve ser precedida da análise e compreensão do texto de partida. Desta forma, o tradutor estará familiarizado com os elementos internos e externos do texto e terá, ao seu alcance, veículos de transposição das dificuldades de tradução – as estratégias.

Para Nord, a observação do cariz comunicativo e dos códigos culturais da cultura das línguas de trabalho é de extrema utilidade para o tradutor, na medida em que desempenhará um papel intermediário. Neste sentido, deve não só estar familiarizado com a cultura de partida, por forma a conseguir interpretar, mas também ser detentor de um conhecimento profundo da língua de chegada, para que seja bem-sucedido ao traduzir.

O modelo de análise de Christiane Nord deixou uma marca indelével nos estudos da tradução. Segundo a sua concepção, este modelo é aplicável a todos os tipos de texto e deve ser autónomo relativamente a questões inerentes às línguas de partida e de chegada e às competências do tradutor.

Conforme as suas palavras introdutórias na obra *Text Analysis in Translation*, estamos perante: “A model of source text analysis which is applicable to all text types



and text specimens, and which can be used in any translation task that may arise. Such a model should enable the translator to understand the function of the elements or features observed in the content and structure of the source text. On the basis of this functional concept he can then choose the translation strategies suitable for the intended purpose of the particular translation he is working on.” (2005: 1)

Com estes conceitos em mente, Nord sugere uma análise textual completa que abarque os factores extratextuais e intratextuais tanto do texto de chegada como do texto de partida.

### 3.3.1 Elementos Extratextuais

Os elementos extratextuais (Nord, 2005:160) são analisados através das seguintes questões:

- Quem é o autor ou emissor? - Quem?
- Qual é a intenção do emissor? - para quê?
- Qual é a audiência para a qual é dirigida o texto? - para quem?
- Qual é o meio ou canal através do qual o texto é comunicado? - através de que meio?
- Qual é o local de produção e recepção do texto? - onde?
- Quando é que o texto foi produzido/recebido? - quando?
- Qual é o intuito do texto? - para quê?
- Qual é a função do texto? - com que função?

O **emissor** é o nome que se dá à pessoa ou entidade que expressa uma determinada ideia ou mensagem através de um texto.

A **intenção** é estipulada pelo emissor do texto e compreende o desígnio que se pretende dar ao texto. É fundamental em questões como a escolha dos elementos verbais e não verbais.

A **audiência** constitui o agente que recebe o texto. A respeito deste ponto, é importante referir a necessidade de adaptação cultural assinalada pelo autor no que concerne a diferenças culturais entre a audiência da língua de partida e a audiência da

língua de chegada. Rosenberg (2005:9-20) elabora várias questões relativamente ao público-alvo que devem ser consideradas durante o trabalho de tradução:

- Qual é o conhecimento expectável que o público-alvo tem sobre este domínio técnico?
- Qual é a língua materna do público-alvo? E a sua cultura materna?
- Qual é o nível de formação do público-alvo?
- Qual a amplitude e heterogeneidade do público-alvo?

O **meio** é relativo à forma ou veículo de transmissão do texto, como são exemplos a publicação de um texto num jornal, no âmbito da comunicação escrita, e da leitura de um texto numa conferência, no âmbito da comunicação oral.

O **lugar** é respeitante ao local onde o texto foi produzido e ao local onde o texto será acolhido. Para Nord, este factor extratextual é um indicador cultural, histórico e político que deve ser tido em conta. Considere-se o exemplo de um tradutor que trabalha com o par de línguas Francês – Português e que o texto em causa será emitido tanto em Portugal como em Angola. Naturalmente, o tradutor terá de optar por traduções que sejam adequadas nos dois locais.

O **tempo** está relacionado com a conjuntura no qual o texto é emitido e recebido, podendo levantar questões como a actualidade da informação apresentada.

O **intuito** concerne aos motivos que levaram o escritor a produzir determinado texto.

A **função** constitui a finalidade que o emissor pretende dar à sua mensagem.

Estes pontos foram especialmente relevantes para a escolha de algumas estratégias aquando da tradução dos manuais de segurança e policiamento, nomeadamente em função:

- da **audiência** – elementos policiais dos Estados Unidos da América, trabalhadores, visitantes e fornecedores no âmbito do sector da saúde no Reino Unido e alunos do Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna.

- do **lugar** - Estados Unidos/ Reino Unido e Portugal – factor que traz diferenças culturais, sociais e legais.
- da **função** - informativa e apelativa.

Na vertente da função que um texto pode desempenhar, Roman Jakobson (1959), importante linguista russo, estabeleceu seis funções de linguagem:

- **Função referencial** - faz referência a objectos, situações e estados psicológicos do mundo real.
- **Função poética** – Predominante na linguagem literária, sobretudo na poesia. Centra a valorização na forma como o texto é elaborado e “ornamentado” com recurso, por exemplo, a figuras de estilo.
- **Função emotiva** – procura suscitar emoção no destinatário.
- **Função apelativa** – apela directamente ao destinatário, geralmente através de vocativos ou imperativos.
- **Função fática** – estabelece uma interacção, assumindo a função de canal de comunicação.
- **Função metalinguística** – utilização da própria linguagem para se descrever a si própria, tal como acontece nas entradas dos dicionários.

Estas funções podem existir em simultâneo e são identificadas mediante determinadas marcas linguísticas que viabilizam a análise do texto no que diz respeito a questões como o estilo, o registo ou a função. Um texto pode conter mais do que uma função, tal como é o caso dos manuais de segurança e policiamento, que desempenham funções referenciais e apelativas. No domínio da tradução técnica, as funções mais recorrentes são a referencial, a apelativa e a metalinguística. O carácter predominantemente objectivo e pragmático destes textos raramente possibilita a existência da função fática, poética ou emotiva.

No que respeita aos manuais cuja tradução está na base deste relatório, são salientes a função referencial, mais concretamente a função informativa, uma das subfunções convencionadas por Nord (1997:44), enquanto transmissão de informação sobre conselhos de segurança e policiamento e a apelativa, pelo cariz

predominantemente imperativo que marca a intenção de motivar o receptor a agir de determinada forma.

### 3.3.2 Elementos Intratextuais

Numa fase inicial, o tradutor centra a sua atenção nos elementos linguísticos, recorrendo a procedimentos e estratégias que possibilitam uma abordagem mais meticulosa. Posteriormente, o tradutor deve libertar-se desta “micro-abordagem” e interpretar, de forma generalizada, a intenção do autor do texto para que consiga produzir o mesmo efeito do texto de partida.

No que diz respeito aos elementos intratextuais, o ponto ao qual foi conferida maior atenção, sem menosprezar os restantes, reside na **informação** e no **conteúdo** apresentados no texto (o quê?) – aqui prende-se a questão central: as medidas e conselhos de policiamento que influenciam a segurança das pessoas. A importância e centralização do conteúdo deve ser transferida para o texto de chegada.

Numa óptica de análise linguística, o tema, os pressupostos do autor, a composição estrutural do texto, as características lexicais e a estrutura sintáctica foram minuciosamente analisados durante a tradução e referidos nos capítulos referentes às dificuldades de tradução.

### 3.4 Problemas de Tradução e Dificuldades de Tradução

À primeira vista, o conceito de problemas de tradução parece ser semelhante ao conceito de dificuldades de tradução. No entanto, diferenciam-se, em particular, pela objectividade do primeiro e subjectividade do segundo.

Nord propõe esta diferenciação (Nord 1997: 150), afirmando que o problema de tradução consiste numa questão objectiva, independente das ambivalências do tradutor, que deve ser resolvida aquando do processo de tradução. Na sua óptica, os problemas integrariam quatro categorias:

- Problemas derivados de particularidades do texto de partida;
- Problemas relacionados com o cariz do texto a traduzir;

- Problemas resultantes de conflitos entre normas e convenções da língua de partida e da língua de chegada;
- Problemas oriundos de diferenças estruturais entre a língua de partida e a língua de chegada.

Quanto às dificuldades de tradução, são, conforme o seu carácter subjectivo, indistinguíveis de determinadas características do tradutor, nomeadamente das competências enquanto tal. Nord distribui as dificuldades por quatro tipos:

- Dificuldades inerentes ao texto de partida, que devem ser contornadas pelo tradutor com recurso aos seus conhecimentos;
- Dificuldades relativas ao próprio tradutor, podendo prender-se com a sua destreza e aptidão;
- Dificuldades pragmáticas eventualmente resultantes da falta de conhecimento do tradutor no tocante à cultura da língua de partida;
- Dificuldades fundamentalmente técnicas.

Ainda no campo da análise pragmática, Nord determinou uma hierarquia funcional para os problemas de tradução. (1991:72)

**1. Escolha da função** que se pretende dar à tradução – Documental ou instrumental.

A função **documental** pretende transferir a informação e as ideias da cultura de partida, estabelecendo uma relação entre o autor e o conteúdo do texto de partida. Desta forma, o leitor detecta a presença das marcas de comunicação no texto de chegada e reconhece ser um elemento externo ao quadro comunicativo.

Por sua vez, a função **instrumental** recorre a uma adaptação das ideias à cultura de chegada e não reproduzirá o estilo e padrões comportamentais da cultura de partida.

A tradução dos manuais de policiamento insere-se na tradução instrumental. Em prol da manutenção do cariz informativo, os conteúdos culturais foram

adaptados consoante a mundividência cultural expectável por parte do leitor da língua de chegada.

2. **Adaptação de elementos funcionais** mediante o destinatário do texto de chegada – a tradução dos manuais será utilizada como material de estudo pelos alunos do ISCPSI e como objecto de consulta por elementos da PSP. Neste ponto, o tradutor também deve considerar o tempo, o local e o meio da recepção do texto.
3. **Definição do estilo da tradução** conforme o tipo de tradução, sendo privilegiada a formalidade do estilo de escrita. Apesar do texto original ter algumas marcas de informalidade que conferem, por vezes, um tom coloquial ao texto, estas não foram vertidas para o texto de chegada.
4. **Análise dos problemas** do texto a um nível linguístico mais aprofundado e escolha das respectivas soluções.

À medida que atravessa estes pontos, o tradutor deve ter sempre presente o motivo do texto de partida e de que forma é que poderá mantê-lo não obstante as adaptações necessárias.

Na indagação de soluções para os problemas levantados pela tradução, Chesterman e Wagner definem três tipos de problemas e respectivas estratégias (Chesterman & Wagner, 2002:57):

- **Problemas de investigação/Estratégias de investigação** – meios para encontrar um termo específico – como utilizar um dicionário, como utilizar termos específicos de uma área (neste caso em concreto, a área policial/judicial), quais os *sites* a consultar, etc.
- **Problemas de bloqueio/Estratégias de criatividade** – quando o raciocínio parece estar inerte, o tradutor pode recorrer a estratégias de criatividade –

desengane-se quem julga que tal só acontece na tradução literária. Embora seja indubitavelmente mais pragmática, a tradução técnica também pode produzir este efeito – ir dar um passeio, ouvir música, beber um chá ou um café, “dormir sobre o assunto”, distrair-se com outra questão, etc.

- **Problemas textuais/Estratégias textuais** –formas de trabalhar uma parte específica do texto de partida; encontrar alternativas; como traduzir metáforas, termos ou expressões dialectais, alusões, inversão de estruturas, questões retóricas; utilização de estrangeirismos, notas de rodapé ou neologismos.

### 3.5 Estratégias de Tradução

O estudo das estratégias de tradução é essencial para os tradutores. Através deste estudo meticoloso, o tradutor adquire métodos de identificação e reconhecimento de problemas de tradução e tem acesso a uma categorização de soluções e de tratamentos distintos para os mesmos. Desta forma, é possível inserir, de forma racionalizada, um determinado problema numa determinada estratégia e simplificar a transferência entre línguas. Naturalmente, nem todos os problemas são passíveis de uma análise simples, dificultando a sua compatibilização com uma estratégia e com a respectiva solução de tradução.

Inicialmente, o tradutor procura um equivalente na língua de chegada. Caso não encontre, deve socorrer-se de uma estratégia de tradução. Perante termos alternativos, deve aferir qual deles é o mais conveniente e aplicável ao contexto e verificar se está documentado de forma regular. Teresa Cabré menciona a importância da documentação para a uniformização da terminologia, dizendo que o termo “must be sufficiently documented so as to avoid the proliferation of terms coined by translation, as individual translators are not sources of consolidated reference terminology.” (Cabré, 1998:360)

Na esfera da teoria das estratégias linguísticas propriamente ditas, Vinay e Darbelnet assumiram um papel de destaque na sua obra *Stylistique comparée du français et de l'anglais* (1958), na qual conceberam um conjunto inovador de estratégias técnicas de tradução.

Numa primeira instância, tendo em mente a formulação da mensagem que pretende obter na língua de chegada, o tradutor, segundo a concepção dos autores, passa por quatro etapas:

- Identificação das unidades de tradução;
- Análise do texto da língua de partida, através da aferição dos vários tipos de conteúdo das unidades de tradução;
- Reconstituição do contexto que originou a mensagem;
- Apreciação dos efeitos estilísticos.

Numa segunda instância, para alcançar a mensagem na língua de chegada, os autores traçaram uma linha de separação entre procedimentos directos (tradução literal, decalque e empréstimo) e procedimentos oblíquos (transposição, modulação, equivalência e adaptação). Para os autores, o tradutor só deve enveredar pelos procedimentos oblíquos quando a tradução literal se afigura inadmissível. É esse o caso quando a mensagem:

- Adquire um significado díspar daquele que seria razoavelmente presumível na leitura do texto de partida;
- Se torna desprovida de significado;
- Apresenta uma estrutura inaceitável.

Esta teorização teve como base as relações de equivalência ao nível da palavra ou termo, numa altura em que o cerne das questões de tradução se encontrava nos sistemas linguísticos das línguas, menosprezando os aspectos contextuais. Com o desenvolvimento da área da linguística e dos estudos de tradução, as questões textuais tais como a coesão, coerência, intencionalidade, a situacionalidade, a informatividade, a aceitabilidade e a intertextualidade ganharam relevo (Beaugrande e Dressler, 1981: 48-112).

Por sua vez, Chesterman, na sua obra *Memes of Translation* (2016: 87) reparte as estratégias de tradução em três grupos:

- Sintácticas – grupo no qual se inserem a tradução literal, o empréstimo ou decalque, a transposição, a mudança de estrutura frásica, a mudança de esquema, a mudança de tipo e de organização de unidade, a mudança de



estrutura oracional, a mudança de elos coesivos, a mudança de estrutura sintagmática e a mudança de nível.

- Semânticas – grupo que abarca a sinonímia, a antonímia, a conversão, a mudança de ênfase, a mudança de tropos, a paráfrase, a mudança de distribuição, a hiponímia/hiperonímia e a mudança de abstracção.
- Pragmáticas – grupo que inclui a adaptação ou domesticação, a mudança interpessoal, a mudança de coerência, a mudança de visibilidade, a reedição, a mudança de explicitação, a mudança de elocução, a mudança de informação, a tradução parcial e a reedição.

Para Chesterman, a escolha das estratégias de tradução é influenciada pelas normas de tradução em vigor num determinado local e tempo: “Strategies are ways in which translators seek to conform to norms. Note: not to achieve equivalence, but simply to arrive at the best version they can think of, what they regard as the optimal translation. A strategy is thus a kind of process, a way of doing something. Strategies are thus forms of explicit textual manipulation. They are observable from the translation product itself, in comparison with the source text.” (Chesterman, 1997:88)

### ➤ **Tradução Literal**

A tradução é literal quando se transfere a mensagem do texto de partida signo a signo para o texto de chegada, sem comprometer a gramaticalidade do texto.

Vinay e Darbelnet consideram que este procedimento só é viável quando se verificam paralelismos estruturais ou metalinguísticos entre as línguas e dão particular importância à estratégia ao afirmarem que a literalidade só deve ser sacrificada por questões intransponíveis a nível estrutural e metalinguístico. (1995:288). Já Aubert (1987:15) define a tradução literal como “aquela em que se mantém uma fidelidade semântica estrita, adequando, porém, a morfo-sintaxe às normas gramaticais da língua de chegada”. Este autor considera que este processo pode, em certos casos, ser aconselhável, necessário ou, até mesmo, obrigatório. Considere-se o exemplo de uma tradução que tem como desígnio ilustrar uma comparação entre o texto traduzido e o texto original: o tradutor colheria mais benefícios se optasse por uma tradução, dentro do possível, literal. Assim sendo, a tradução literal seria resultado de um processo

deliberado e não apenas o produto de uma coincidência estrutural e cultural entre as línguas de partida e de chegada.

A seguinte tradução exemplifica a estratégia em questão.

(1) “Physical security is important in protecting against a range of threats and vulnerabilities, including terrorism.” - “A segurança física é importante na protecção contra uma série de ameaças e vulnerabilidades, incluindo o terrorismo.”

### ➤ **Empréstimo**

Utilização de uma palavra da língua de partida na língua de chegada. Constitui uma transferência directa à qual se pode recorrer para colmatar uma falha lexical. É um procedimento mandatário, a menos que já exista uma tradução para o termo.

Nas palavras de Maillot (1975:21), “cada língua tende, naturalmente, a formar os seus termos técnicos recorrendo ao próprio vocabulário geral, mas pode também recorrer a uma das línguas clássicas, o latim ou o grego, ou ainda pedi-los emprestados, em quantidade maior ou menor, a outra língua viva, especialmente quando se trata de uma técnica em vias de desenvolvimento no país onde essa é falada.”

São exemplos de empréstimos os seguintes excertos retirados dos manuais de segurança.

(2) “Any member of staff with a direct telephone line, mobile phone, computer or **tablet**, etc. could conceivably receive a bomb threat” - “Qualquer funcionário com linha telefónica directa, telemóvel, computador ou **tablet**, etc. pode receber uma ameaça de bomba.

(3) “**Vehicle-Borne Improvised Explosive Device (VBIED)** – A VBIED is a vehicle that contains and delivers an explosive device to a target.” - “**Vehicle-Borne Improvised Explosive Device (VBIED)** - Um VBIED é um veículo que contém e transporta um dispositivo explosivo para um determinado alvo.”

## ➤ **Transposição**

A transposição ocorre quando se procede a uma alteração da categoria gramatical das palavras, sem alterar o significado da mensagem. A transposição pode ser obrigatória ou opcional.

Esta estratégia pode ser fundamental, mediante as regras da língua de chegada, ou opcional, quando é utilizada para fins estilísticos.

Considere-se o exemplo (4):

(4) “**Having better** security for all these areas makes it harder for terrorists to plan and carry out attacks”. - “**A melhoria** da segurança nestas áreas dificulta o planeamento e execução de atentados terroristas.”

Nesta frase o verbo “to have” é substituído por um substantivo. Esta estratégia foi utilizada diversas vezes, particularmente na tradução de gerúndios, forma nominal frequentemente empregue na língua inglesa. A língua portuguesa, nomeadamente no que diz respeito à vertente europeia, utiliza, nestes casos, um substantivo ou o verbo no infinitivo, como se pode verificar nos exemplos seguintes:

(5) “**Managing** risk” – “**Gestão** de riscos”.

(6) “**Assessing** the credibility of bomb threats” - “**Avaliação** da credibilidade das ameaças de bomba”.

(7) “**Considering** the physical security requirements at the outset as part of the venues planning and design phase will often result in more effective and lower cost security.” - “**Considerar** os requisitos de segurança física numa fase inicial, como parte do planeamento do local e da fase de desenvolvimento, resultará frequentemente numa segurança mais eficaz e menos dispendiosa”.

No exemplo seguinte (8), com o intuito de contornar a repetição da conjunção coordenada copulativa “e”, recorri ao verbo “incluir” no gerúndio.

(8) ”Give advice on physical security equipment **and** its particular application to terrorist attack methodology **and** comment on its effectiveness as with a deterrent, any protection **and**

also aid a post-incident mitigation”. - “Dar conselhos sobre equipamentos de segurança física, **incluindo** a sua aplicação particular aos métodos usados pelos terroristas, e comentar a eficácia desses equipamentos como forma de dissuasão e de protecção e como apoio à investigação pós-incidente.

### ➤ **Modulação**

Numa modulação dá-se uma alteração ao nível da semântica, operando uma variação da perspectiva ou do ponto de vista e, conseqüentemente, do significado da mensagem. Este processo salienta a forma díspar como as línguas interpretam a realidade.

Exemplo dos manuais de segurança:

(9) “However, the pilot must ensure the flight can safely be made, **they maintain visual contact with the device** and they do not drop anything from it that can cause harm or damage.” - “No entanto, para garantir que o voo é seguro, o piloto deve **manter o aparelho no seu campo de visão** e garantir que não cai nenhum fragmento que possa causar lesões ou danos.”

O conceito de contacto visual é geralmente utilizado para referir uma forma de comunicação não-verbal entre dois indivíduos, pelo que não seria aceitável optar pela tradução literal “Mantenha contacto visual com o aparelho”. O termo em português “contacto visual” é equivalente ao termo inglês “eye contact”. Nesta medida, optou-se pela expressão “campo de visão”, que diz respeito à “extensão angular de um ambiente, ou semelhante, que é vista em dado momento”<sup>3</sup> ou “área de visão, de forma grosseiramente elíptica, que um olho imóvel pode abarcar.”<sup>4</sup>

Outros exemplos:

(10) “It is important that this is one person’s function and responsibility.” - “É importante que apenas uma pessoa esteja incumbida desta função e responsabilidade.”

(11) “Hostiles will not necessarily be automatically deterred from a crowded place simply because it has CCTV, guards or a particular fence or lock.” - A presença de um circuito fechado de televisão, de seguranças ou de uma determinada vedação ou fechadura, num local

---

<sup>3</sup> <https://pt.wikipedia.org>

<sup>4</sup> Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea

com elevada afluência de pessoas, não é, necessariamente, um factor automático de dissuasão para os agressores.”

(12) “Consideration should be given to how vehicle access could be controlled at the point of entry, particularly searching or screening of vehicles in response to a specific threat.” - “Deve considerar uma forma de controlo do acesso de veículos no local de entrada, nomeadamente buscas ou fiscalização de veículos em resposta a uma determinada ameaça.”

(13) “Ask people **not to wander off** – though you cannot contain them against their will.” – Peça às pessoas para **permanecerem no mesmo local**, na medida do possível – mas tenha em mente que não pode detê-las contra a sua vontade.”

### ➤ **Equivalência**

A equivalência baseia-se na substituição de um elemento ou fracção do texto na língua de chegada para outro elemento ou fracção do texto da língua de partida, através da utilização de frases, métodos estilísticos e estruturais diferentes para descrever a mesma situação. É habitualmente o recurso mais convencional e o que levanta menos problemas.

Esta estratégia ocorre frequentemente quando o tradutor se depara com expressões idiomáticas, provérbios ou ditados populares.

Newmark distingue entre equivalente cultural, equivalente funcional e equivalente descritivo.

Na equivalência **cultural**, uma palavra ou expressão da cultura da língua de partida é traduzida por uma palavra ou expressão da cultura da língua de chegada. Para Nida e Taber (2003:5) os problemas originados pelas diferenças entre os idiomas estão intimamente ligados à familiaridade ou, pelo contrário, afastamento, entre línguas: “the extent to which the forms must be changed in order to preserve the meaning will depend upon the linguistic and cultural distance between languages.” Neste caso, tanto o inglês como o português pertencem à família linguística indo-europeia, no entanto, o português é uma língua românica e o inglês é uma língua germânica.

Na equivalência **funcional**, promove-se um afastamento da vertente cultural da palavra da língua de partida. É um procedimento aplicado apenas a palavras ou expressões distintivas da cultura da língua e requer a utilização de uma “culture-free word”. Nas palavras de Newmark (1988:83), “this procedure, which is a cultural componential analysis, is the most accurate way of deculturalising a cultural word.”

Finalmente, na equivalência **descritiva**, é feito um balanço entre a parte descritiva e a função da expressão.

Os exemplos de equivalência realizados no estágio foram essencialmente de cariz cultural e funcional, salvo algumas excepções. Veja-se o seguinte exemplo:

(14) “Act as a marshal” – “Actue como uma figura de autoridade.”

O termo “marshal” pode ser relativo a diversas patentes e cargos superiores, conforme o país. A designação é geralmente utilizada para identificar a mais alta patente das forças armadas de diversos países. Em Portugal, o posto está actualmente ligado ao exército português e equivale ao posto de almirante da Armada na Marinha Portuguesa.

Mediante a análise do contexto no qual a palavra surge, o termo “marechal” não se adequa visto que não é um contexto militar. Por processo de equivalência e através de uma relação de hiponímia, foi escolhida a alternativa “figura de autoridade”.

(15) “Actions should be reasonable, necessary and proportionate based upon the circumstances, particularly when they are necessary to protect life and limb - “As acções devem ser adequadas, necessárias e proporcionais às circunstâncias, particularmente quando forem essenciais para a protecção das pessoas.”

Tal como no exemplo anteriormente exposto, a equivalência funcional foi a solução mais satisfatória.

(16) “Communication runs through the length and breadth of every organisation” - “A comunicação é parte integrante dos vários sectores de qualquer organização.”

Neste exemplo, perante a falta de uma expressão que dê ao leitor a ideia de abrangência inerente à expressão inglesa “runs through the length and breadth”, optei, igualmente, por uma equivalência funcional, retirando a sua vertente cultural.

(17) “While many bomb threats involve a person-to-person phone call, an increasing number are sent electronically using email or social media applications.” – “Embora várias ameaças de bomba envolvam chamadas telefónicas, há um número crescente de ameaças enviadas electronicamente através do correio electrónico ou das redes sociais.”

(18) “The threat is likely to be made in person over the telephone; however, it may also be a recorded message, communicated in written form, delivered face-to-face or, increasingly, sent by email or social media (e.g. Twitter or Instagram, etc.).” - “É provável que a ameaça seja feita por uma pessoa através de uma chamada telefónica; no entanto, também pode ser feita por meio de uma mensagem gravada, de um comunicado por escrito, em pessoa ou, cada vez mais, através do correio electrónico ou das redes sociais (e.g. Twitter ou Instagram, etc.).”

Numa primeira versão, considerei o advérbio “pessoalmente”. No entanto, este termo significa “de maneira pessoal” ou “sem ser através de outra pessoa ou entidade; por si mesmo”<sup>5</sup>, estando desprovido da conotação física da expressão inglesa “face-to-face”.

Como equivalentes culturais, surgiram, entre outros, os exemplos seguintes:

Inglês	Português
999 - número de emergência no Reino Unido	112
Miles	Km
Government benefits	Subsídios estatais
Food stamps	Subsídio de alimentação
Welfare	Assistência social
Worker’s compensation	Ajudas de custo ao trabalhador
Peddling	Vendas ambulatórias
Illegal Rackets	Mercados clandestinos

<sup>5</sup> Priberam

## ➤ Adaptação

Perante a necessidade de adaptar a palavra ou expressão à cultura de chegada, o tradutor procede a uma alteração do ponto de vista cultural, sem introduzir informação adicional. É uma estratégia particularmente recorrente quando a situação descrita na língua de partida é desconhecida na cultura de chegada.

Considere-se os exemplos extraídos dos manuais de policiamento:

(19) “Good housekeeping improves the ambience of your premises and reduces the opportunity for placing suspicious items or bags and helps deal with false alarms and hoaxes.” - “Uma boa gestão interna melhora o ambiente das suas instalações, reduz a oportunidade de colocação de objectos ou sacos suspeitos e ajuda a lidar com alarmes falsos e embustes.”

(20) “Does it have wires, circuit boards, batteries, tape, liquids or putty-like substances visible?” - “Tem fios, placas de circuito impresso, baterias, fitas, líquidos ou substâncias de consistência similar visíveis?”

(21) “The risks should be mitigated through preventive measures such as ‘target hardening’, training of personnel and information security systems.” - “Os riscos devem ser mitigados através de medidas preventivas tais como o aumento da protecção do alvo, a formação dos funcionários e a aquisição de sistemas informativos de segurança.”

(22) “In contrast, there may be a ‘creeping crisis’ where a disruption such as an attack on an IT system emerges and, if not managed effectively, turns into a crisis.” - “Por outro lado, a má gestão de uma crise crescente poderá torná-la numa crise efectiva caso se dê um distúrbio como um ataque ao sistema de serviços informáticos.”

(23) “Business continuity planning is essential in ensuring that your organisation can cope with an incident or attack and return to ‘business as usual’ as soon as possible.” - “O planeamento da continuidade da actividade é essencial para assegurar que a sua organização está apta a lidar com um incidente ou atentado e a regressar às actividades normais com a maior brevidade possível.”



### 3.6 A criatividade na tradução do texto técnico: manipulação?

*Translation is a rewriting of an original text. (...) Rewriting is manipulation, undertake in the service of power, and in its positive aspect can help in the evolution of a literature and a society. Rewritings can introduce new concepts, new genres, new devices, and the history of translation is the history also of literary innovation, of the shaping power of one culture upon another. But rewriting can also repress innovation, distort and contain, and in an age of ever increasing manipulation of all kinds, the study of the manipulative processes of literature as exemplified by translation can help us toward a greater awareness of the world in which we live.* (Venuti, 1995:8).

Horácio e Cícero, com fundamento no adágio *non verbum de verbo, sed sensum exprimere de sensu*, davam ênfase à responsabilidade do tradutor perante os leitores de chegada. Nesta linha de pensamento, criaram argumentos para ornamentar e, na sua óptica, enriquecer o texto de chegada. Poder-se-ia afirmar que, de certa forma, manipulavam o texto.

Apesar da conotação predominantemente negativa que é conferida ao termo “manipulação” – significado figurado de “controlar ou influenciar de forma indevida ou ilegítima o desenrolar de um processo”<sup>6</sup> - é inevitável que esta ocorra em vários processos de tradução.

O acto de traduzir não se cinge apenas à transferência do significado de signos linguísticos de uma língua para signos linguísticos de uma outra língua. Vai mais além. O termo latino *translatio* traz-nos o sentido de mudança ou de transferência. Transferência esta que não se pode destringir de factores tais como a percepção do tradutor, o seu contexto socio-cultural e a expectativa e mundividência dos leitores da língua de chegada. O tradutor encontra o grande desafio da tradução, o seu adamastor: a árdua tarefa de conciliar uma atitude fidedigna relativamente ao texto de partida com uma metodologia certa que ofereça aos leitores da língua de chegada uma tradução não só inteligível mas também sensível. Sensível ao intuito do autor e sensível à realidade do leitor.

---

<sup>6</sup> Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea

Umberto Eco, na sua obra *Dire quase la stessa cosa: esperienze di traduzione*, sugere a ideia de negociação: “Ideia de que a tradução assenta em certos processos de negociação, sendo a negociação justamente um processo com base no qual, para deter alguma coisa, se renuncia a outra coisa qualquer – e no fim as partes em jogo deveriam ficar com uma sensação de razoável e recíproca satisfação, à luz do áureo princípio de que não se pode ter tudo.” (Eco, 2005:16)

O tradutor surge aqui como um negociador entre a língua do texto de partida e a língua do texto de chegada. Procura, através de cedências, resolver as dificuldades que a língua comporta, entre elas o facto de ser um elemento inerente à realidade social. A percepção relativa ao mundo, às pessoas e às experiências é amplamente influenciada pelos hábitos linguísticos da comunidade. A língua, segundo Lotman, “não pode existir se não estiver inserida no contexto de uma cultura e uma cultura não pode existir se não tiver no seu centro a estrutura de uma língua natural.” (Lotman, 1978:211).

Perante tais obstáculos, será justo defender que a tradução do texto técnico não é um mero e simples processo de transferência, embora ressoem algumas vezes que assim o afirmem. A tradução pode ser considerada uma arte, tal como chegou a ser descrita por Horst Frenz (*apud* Ray: 19), que a situa entre a arte criativa e a arte imitativa, não correspondendo exactamente a nenhuma delas.

Embora o texto técnico seja indiscutivelmente menos permeável à criatividade do que outros tipos de texto, nomeadamente o literário, o tradutor tem de transmitir a informação de forma apropriada e eficaz, através de soluções linguísticas, por vezes, criativas e inovadoras (Byrne, 2006:5).

Mas qual é o limite do tradutor? E, sobretudo, quais são os limites da língua? Actualmente, num mundo profundamente influenciado pela globalização e pela internet, ferramenta que permite a qualquer utilizador contribuir activamente para a informação nela contida, é muito difícil, senão impossível, traçar este limite. A língua não é cristalizada. Acompanha o desenvolvimento social e cultural das sociedades, por vezes de forma imperceptível.

Em conformidade com o carácter predominantemente informativo dos documentos, procurei desenvolver uma tradução que privilegia a transferência dos conselhos e orientações para a língua de chegada, não obstante a “recriação” da construção frásica por vezes inerente a este processo.

Nesta senda, Baker (1992:274) expressa a necessidade imperiosa que o tradutor tem de desenvolver a capacidade de espírito crítico para tomar decisões por si próprio, ao invés de ceder a eventuais códigos abstractos que lhe possam ser impostos. E prossegue, explicando: “codes, like laws, are elaborated by people like us, and are therefore never infallible, ethically or otherwise. You might find yourself disagreeing with the code, perhaps because you believe it could result in tolerating certain types of injustice in some contexts. If so, it is your responsibility to question the code in order to avoid causing harm to others or perpetuating potential forms of injustice.”

## IV. Manuais de Segurança e de Policiamento

### 4.1 Apresentação dos documentos

O trabalho foi centrado em dois manuais que designei, para efeitos de título do relatório, por manuais de segurança e policiamento. As traduções tiveram a mesma combinação linguística (Inglês-Português), com as nuances expectáveis tendo em conta as vertentes distintas – a vertente americana e a vertente britânica.

O primeiro consiste num documento do departamento de justiça dos Estados Unidos da América, mais concretamente do COPS – *Community Oriented Policing Services* – e é dirigido aos membros das forças policiais. Sugere procedimentos de identificação e de definição de problemas de policiamento e apresenta um modelo de resolução de problemas constituído por etapas de rastreamento, análise, resposta e avaliação.

O segundo documento, *Crowded Places Guidance*, é respeitante a medidas a tomar no caso de um atentado terrorista em locais públicos, abrangendo a área dos estabelecimentos nocturnos, cinemas e teatros, estádios e recintos, estabelecimentos comerciais, sector da saúde, sector da educação, locais de culto, hotéis e restaurantes, grandes eventos, atracções turísticas, centros comerciais e transportes. O corpo do manual é aplicável a todas as áreas, apenas difere na introdução e no índice consoante o sector. No meu caso, o trabalho é direccionado para o sector da saúde e para os trabalhadores e utentes desta área. O manual foi publicado pelo NaCTSO – *National Counter Terrorism Security Office* – um departamento policial que orienta o governo britânico quanto à sua estratégia de combate ao terrorismo.

Antes de apresentar as características mais explícitas dos textos, gostaria de mencionar a sua inserção na categoria de texto técnico que, segundo Byrne (2012:2), conforme anteriormente referido, difere da categoria de texto científico: “while a technical text is designed to **convey** information as clearly and effectively as possible, a scientific text will **discuss, analyse and synthesize** information with a view to **explaining** ideas, **proposing** new theories or **evaluating** methods.”

Ao passo que a vertente técnica utiliza frases declarativas claras, lógicas e concisas, o texto científico tende a apresentar construções mais complexas,

recorrendo por vezes à linguagem figurativa ou abstracta que, embora torne a compreensão do texto mais desafiante para o leitor, peca por se tornar mais enigmática e, por conseguinte, menos acessível para os vários tipos de público.

À luz desta discriminação, foi possível classificar os manuais que traduzi como textos técnicos, na medida em que os textos correspondem a uma apresentação directa de informação, sem a variante da análise ou discussão das orientações apresentadas.

## 4.2 Características principais

Os seguintes pontos traçam as marcas características dos manuais de segurança e policiamento.

### ➤ **Utilização de parágrafos curtos, marcas e enumeração de frases:**

#### (24) “Action plans:

To help progress security planning it is good practice to create an action plan. The action plan should set out:

- The activity to be undertaken
- Brief rationale for the activity
- The name of the person responsible for completing the action
- A start date, review date and realistic completion date
- A scale to measure the actions progress, i.e. red, amber or green”

#### (25) “Types of Emergency Response

There are a number of options for emergency response including:

- A full site evacuation
- A phased evacuation (consider if you require dedicated searchers to remain)
- Partial or zonal evacuation
- A directional evacuation, in which staff, contractors and visitors are directed to specific exits and routes
- An invacuation to safer areas, including protected space(s), if available
- A partial invacuation
- No action is required (a decision is made not to evacuate or invacuate)
- Lockdown”

➤ **Apresentação da informação com recurso a tabelas:**

(26)

<b>Threat Level and Definition</b>	<b>Response Level</b>	<b>Description</b>
<p><b>Critical</b> An attack is expected imminently</p>	Exceptional	Maximum protective security. <b>CRITICAL</b> measures to meet specific threats and to minimise vulnerability and risk.
<p><b>Severe</b> An attack is ighly likely</p>	Heightened	Additional and sustainable <b>SUBSTANTIAL</b> and <b>SEVERE</b> protective security measures reflecting the broad nature of the threat combined with specific business and geographical vulnerabilities and judgements on acceptable risk.
<p><b>Substantial</b> An attack is a strong possibility</p>		
<p><b>Moderate</b> An attack is possible but not likely</p>	Normal	Routine protective security. <b>LOW</b> and <b>MODERATE</b> measures appropriate to the business concerned.
<p><b>Low</b> An attack is unlikely</p>		

<b>Política</b>	Seja claro e documente o que pretende concretizar.
<b>Funcionamento</b>	Coloque os procedimentos em prática para que a política se concretize.
<b>Bens físicos</b>	O equipamento que sustenta todos os processos operacionais.
<b>Formação e sensibilização</b>	Certifique-se de que as pessoas com funções de assistência à segurança do local estão devidamente qualificadas e equipadas para agir com confiança e eficácia.
<b>Validação</b>	Aprove e implemente medidas apropriadas para validar planos e acordos. Estes podem incluir exercícios, testes ou outras técnicas para garantir a aptidão, competência e eficácia dos seus acordos.
<b>Parcerias</b>	Trabalhe com as entidades necessárias ou que tenham a capacidade de assegurar a segurança do trabalho.
<b>Revisão e monitorização</b>	Efectue revisões de forma regular ou mediante alguma mudança de circunstâncias, tal como uma alteração ao nível da ameaça, circunstâncias, ambiente, situação posterior a um incidente ou mudanças internas.
<b>Correspondência e meios de comunicação</b>	Identifique a forma como comunica com os trabalhadores, visitantes, fornecedores e prestadores.

➤ **Emprego do modo imperativo, justificável pelo intuito de aconselhar e apresentar medidas ou orientações:**

(27) “CLEAR the immediate area

- Do not touch it.
- Take charge and move people away to a safe distance. Even for a small item such as a briefcase move at least 100m away from the item starting from the centre and moving out.
- Keep yourself and other people out of line of site of the item. It is a broad rule, but generally if you cannot see the item then you are better protected from it.
- Think about what you can hide behind. Pick something substantial and keep away from glass such as windows and skylights.
- Cordon off the area.”

(28) “**Develop a plan**

- Ensure an individual, with a designated deputy(-ies), is responsible for the plan and its delivery.
- Anticipate potential threats and assess the risks.
- Develop response plans specifically for each site/location, possibly including individual buildings or spaces within the venue, and co-ordinate with neighbours.”

Relativamente ao emprego do modo imperativo, “embora a palavra IMPERATIVO esteja ligada, pela origem, ao latim *imperare* “comandar”, não é para ordem ou comando que, na maioria dos casos, nos servimos desse modo. (...) Quando empregamos o IMPERATIVO, em geral, temos o intuito de exortar o nosso interlocutor a cumprir a acção indicada pelo verbo. É, pois, mais o modo da exortação, do conselho, do convite, do que propriamente do comando, da ordem.” (Cunha/Cintra:1986)

É precisamente com este tom de orientação, com o fim de aconselhar o leitor, que se rege maioritariamente a utilização do imperativo no texto dos manuais.



➤ **Formulação de interrogações com o propósito de motivar o leitor a avaliar com fundamento e lógica uma série de situações específicas:**

(29) “(...) in the absence of detailed information it will be necessary to consider a number of factors:

- Is the threat part of a series? If so, what has happened elsewhere or previously?
- Can the location of the claimed bomb(s) be known with precision? If so, is a bomb visible at the location identified?
- Considering the hoaxer’s desire to influence behaviour, is there any reason to believe their words?
- If the threat is imprecise, could an external evacuation inadvertently move people closer to the hazard?
- Is a suspicious device visible?”

(30) “Do your staff know what to do if:

- A member of staff or visitor reports the occurrence of a UAS?
- They spot a UAS in flight?
- They find or recover a UAS (such as a crashed UAS) within the site?
- They find or recover a UAS adjacent but external?”

(31) “Do security staff:

- Know the locations where a UAS is most likely to be controlled from?
- What to do if they locate the pilot, whether they are within or outside of the area of land owned by the site?”
- Are the procedures appropriate if the threat from UAS increases?
- Is a system in place to assess the impact of any compromises that may have occurred (such as to assess the impact of a loss of sensitive information)?
- Are the policies/procedures compliant with the law?”

➤ **A interpelação ao destinatário é fortemente marcada pela presença do pronome pessoal *you* ou pelo determinante/pronome possessivo *your*:**

(32) “**You** know what is important to **you** and **your** business.”

(33) “**Your** CTSA will be able to advise **you**.”

(34) “Consider a range of impacts that could disrupt **your** business, including the unavailability of **your** building (through loss of utilities or evacuation), people (colleagues and suppliers) and equipment (machinery and IT). Then plan how **you** would continue critical parts of **your** business during disruption.”

➤ **Utilização recorrente do gerúndio, marca distintiva da língua inglesa:**

(35) “This document is intended to provide guidance to the Security Manager or individual(s) assigned responsibility for crowded places in **planning, deciding** on and **implementing** their emergency response.”

(36) “Bomb threats **containing** accurate and precise information, and received well in advance of an actual attack, are rare occurrences.”

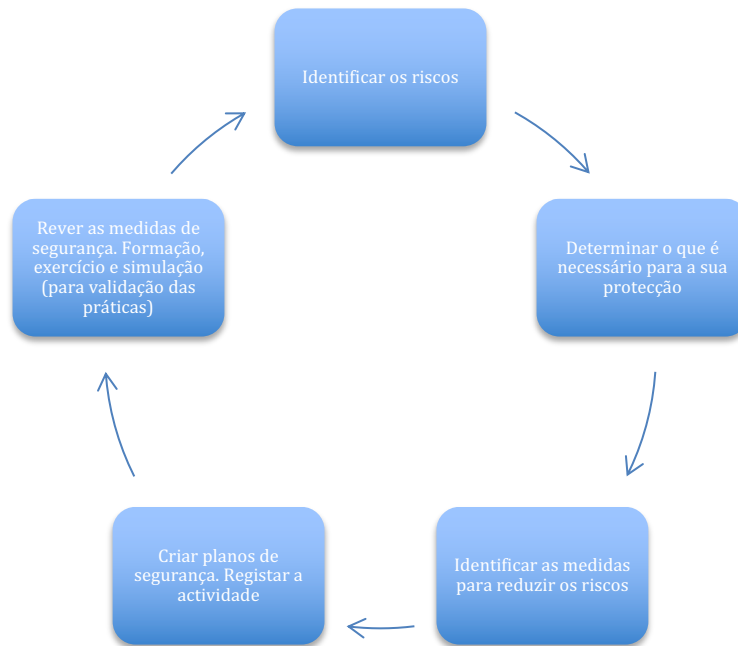
➤ **Especificação do público-alvo e dos locais:**

(37) “This document is intended to provide guidance to the Security Manager or individual(s) assigned responsibility for crowded places.”

(38) “This document provides generic advice for all crowded places: venues, buildings and events.”

➤ **Utilização de gráficos**

(39)



➤ **Algumas marcas de informalidade, nomeadamente através de expressões coloquiais com recurso a aspas:**

(40) “The risks should be mitigated through preventive measures such as **‘target hardening’**, training of personnel and information security systems.”

(41) “In contrast, there may be a **‘creeping crisis’** where a disruption such as an attack on an IT system emerges and, if not managed effectively, turns into a crisis.”

(42) “Business continuity planning is essential in ensuring that your organisation can cope with an incident or attack and return to **‘business as usual’** as soon as possible.”

(43) “Effective physical security of a crowded place is best achieved by multi-layering the different measures, what is commonly referred to as **‘defence-in-depth’**”.

### 4.3. Questões de Tradução

No presente capítulo, serão comentadas algumas das questões que surgiram aquando da tradução e as respectivas soluções, que julguei serem mais adequadas para cada exemplo. Para efeitos de análise das dificuldades de tradução, será dada maior ênfase ao segundo documento traduzido, o manual *Crowded Places Guidance* emitido pelo *National Counter Terrorism Security Office*, o qual apresenta um número manifestamente maior de exemplos que reflectem as problemáticas de tradução, comparativamente ao manual do Departamento de Justiça dos Estados Unidos da América.

#### Questões Sintácticas

##### ➤ **Voz activa e voz passiva**

A utilização recorrente da voz passiva no inglês justifica-se, tal como mencionado anteriormente, pelo carácter impessoal que confere ao texto através da inexistência da especificação do agente da acção. A estrutura passiva torna o texto mais formal, porém requer mais atenção e capacidade de assimilação por parte do leitor.

Na língua portuguesa, a construção passiva só pode ocorrer com verbos transitivos precisamente porque são os que permitem transitar da voz activa para a voz passiva.

Maillot (1975:75) refere que “há idiomas que empregam a forma passiva com frequência bem maior do que o português. Em compensação, o português gosta de recorrer, em caso de sujeito indeterminado, a verbos pronominais (‘vende-se jornais’), outras vezes traduz a forma passiva por activa ou recorre a rodeios impessoais (‘consta que’).”

Veja-se o exemplo (44), no qual o predicado “ter consideração por” não é um verbo transitivo pelo que, necessariamente, não se poderia utilizar a construção passiva na tradução.

(44) “Consideration should be given to the use of the organisation’s website and/or publications to communicate crime prevention and counter terrorism initiatives.” - “Deve ter em consideração a utilidade da página web da organização e/ou as publicações para comunicar a prevenção do crime e as iniciativas de combate ao terrorismo.”

No exemplo (45) seria gramaticalmente possível manter a voz passiva, traduzindo-se “should be known” por “devem ser conhecidos”. No entanto, com a omissão do agente passiva ficaria pouco claro quem é que deve conhecer ou quem é que deve estar informado. A solução apresentada parece eliminar esta vagueza.

(45) “The registration mark of each vehicle and details of its occupants should be known to the security staff or manager in advance.” - “A equipa ou o gestor de segurança devem estar informados quanto às matrículas de cada veículo e aos detalhes relativos aos seus ocupantes.”

Diversamente ao que ocorre no exemplo anterior, no exemplo (46) não é relevante identificar a que entidade se refere o agente da passiva, dado que o seguimento “em parceria com a polícia” esclarece que o agente da passiva não se refere aos agentes da polícia, mas, mais concretamente, aos responsáveis pela gestão e organização do local.

(46) “If your venue is to be safe and secure it is essential that all the work you undertake on protective security is undertaken in partnership with the police, other authorities (as appropriate) and your neighbours.” - “Para assegurar a segurança do seu local de trabalho, é essencial que todas as medidas de protecção sejam tomadas em parceria com a polícia, com outras autoridades (quando apropriadas) e com os estabelecimentos próximos.”

### ➤ **Posição dos adjectivos**

Na língua inglesa, o adjectivo tem geralmente uma posição pré-nominal, ao passo que a língua portuguesa assume mais comumente a posição pós-nominal dos adjectivos. Todavia, há adjectivos que só ocorrem na posição pré-nominal, como é o caso dos adjectivos *mero* ou *suposto*. Nestes casos, a especificidade dos adjectivos não permite:

- que surjam na posição pós-nominal – *\*A acusação suposta*.
- que entrem em operações de graduação – *\*A muito suposta acusação; \*a mais suposta acusação; \*a mais do que qualquer outra suposta acusação*.
- que se apresentem numa posição predicativa – *\*A acusação é suposta*.

Há também o caso de “alguns adjectivos qualificativos, em especial aqueles em que a componente subjectiva e avaliativa é mais forte, podendo ocorrer em posição pré-nominal. (...) Nesta posição, os adjectivos qualificativos têm uma leitura ou interpretação não restritiva; ou seja, não restringem o conjunto denotado pelo nome que modificam, contrariamente ao que sucede em posição pós-nominal. Estes adjectivos veiculam uma informação suplementar sobre o referente, realçando ou intensificando uma propriedade deste que não é, no entanto, usada na sua caracterização básica nem serve para a sua identificação pelo ouvinte” (Brito e Raposo, 2013: 1090).

Assim, teríamos exemplos como “um extraordinário gambista”, “uma sublime oratória” ou “o etéreo canto gregoriano”.

Nos exemplos seguintes, os adjectivos qualificativos não têm carácter subjectivo e são modificadores do nome com que se combinam, sendo a posição pós-nominal inevitável.

(47) “Crisis management is about your arrangements to manage strategic, complex and unprecedented events.” - “A gestão de situações críticas corresponde às medidas de controlo de eventos estratégicos, complexos e sem precedentes.”

(48) “Note that an incidente may require a crisis management response without business continuity plan activation, such as the event of major negative media attention about the business.” - “Note que um incidente pode exigir uma resposta de gestão da crise sem a activação do plano de continuidade da actividade, como é o caso de um evento no qual os meios de comunicação dão foco preponderantemente negativo à empresa.”

(49) “Therefore, the incidente response arrangements must be flexible enough to manage both na operational disruption which may need to be escalated and a crisis situation which requires strategic leadership.” - “Deste modo, os mecanismos de resposta a incidentes devem ter a flexibilidade de gerir tanto um distúrbio operacional que se possa agravar como uma situação de crise que exija uma liderança estratégica.”

### ➤ **Omissão dos pronomes pessoais**

Na língua inglesa, encontramos frequentemente uma grande repetição dos pronomes pessoais, a qual não é necessária na língua portuguesa, rica em desinências verbais que demonstram de forma explícita a pessoa a que se refere o verbo.

(50) “Your risk assessment will determine which measures **you** should adopt. It is essential that **you** understand the threats faced by your venue or site.” - “A sua avaliação de risco determinará as medidas que deve adoptar. É essencial que compreenda as ameaças às quais o seu local/edifício está exposto.”

(51) “You **should** already have plans in place for dealing with fire and crime, procedures for assessing the integrity of those you employ, protection from IT viruses, and measures to secure parts of the premises.” - “**Deve** ter planos estabelecidos para lidar com uma situação de incêndio ou crime, procedimentos para avaliar a integridade dos trabalhadores que contrata, protecção para vírus informáticos e medidas para garantir a segurança das diversas zonas do edifício.”

### ➤ **Verbos Modais**

Os verbos modais são uma forma de expressar conceitos modais nas línguas naturais. No que consiste, então, a modalidade? “Do ponto de vista linguístico, podemos considerar que a modalidade é a gramaticalização de atitudes e opiniões dos falantes. Esta abordagem tão vaga evidencia que se trata de um fenómeno de grande amplitude, pois não só existem numa língua formas diversas de expressar um mesmo tipo de modalidade como também uma expressão pode apresentar diferentes modalidades.” (Oliveira, 2003:245)

A modalidade pode ser expressa com recurso a diferentes meios linguísticos, entre os quais verbos modais, como *poder*, *dever* e *ter de*, e alguns verbos plenos, como *saber*, *crer*, *permitir*, *obrigar* e *precisar de*. Adicionalmente, pode manifestar-se através da presença de advérbios como *possivelmente* ou *obrigatoriamente*.

Os verbos modais podem ser alusivos a valores de permissão e obrigação (vertente deontica), como se pode verificar nos exemplos (52) e (53), ou surgir com uma conotação de incerteza ou probabilidade (vertente epistémica), tal como nos exemplos (54) e (55). (Oliveira, 2003: 248)

(52) “However, a balance **must** be struck and proportionate protective security measures introduced to mitigate and respond to the risk of terrorism, for example protection from flying glass and vehicle access controls into crowded areas, goods and service yards.” - “No entanto, **tem de** ser feito um balanço que equilibre as medidas de segurança estabelecidas para atenuar e dar resposta aos riscos associados ao terrorismo, tais como a dispersão de estilhaços de vidro e o controlo do acesso de veículos a locais públicos, estabelecimentos e áreas de serviço.”

(53) “The security planner **should** call upon staff with particular business area knowledge to help, such as IT, Procurement or HR manager (to consider countering the insider threat for example).” - “O responsável pelo planeamento de segurança **deve** solicitar a ajuda dos trabalhadores com conhecimento numa área específica da actividade, tal como a informática, fornecimento ou gestão de recursos humanos (para considerar o combate da ameaça interna, por exemplo).”

(54) “Being security minded and better prepared reassures your costumers and staff that you are taking security issues seriously and **could** potentially deter an attack.” - “Ter em mente as questões de segurança e procurar uma preparação mais adequada transmite aos seus clientes e à sua equipa de funcionários a ideia de que dá importância aos aspectos de segurança e que **poderia** prevenir um atentado.”

(55) “Understanding the teorrist’s intentions and capabilities, what they **might** do and how they **might** do it, is crucial to assessing risk.” - “Compreender o intuito, as competências do terrorista e as acções que **pode** levar a cabo, e de que forma, são passos cruciais para uma avaliação dos riscos.”

Os manuais de segurança utilizam regularmente aquilo a que, na língua inglesa, se dá o nome de “mandatory forms”, as quais podem assumir um sentido de obrigação mais ou menos acentuado. Em inglês, esta forma particular surge muitas vezes através da palavra *should*. No entanto, nem por isso *should* deverá ser traduzido sistematicamente pelo verbo *dever*, devendo o tradutor perceber se existe efectivamente uma conotação de obrigatoriedade ou apenas um conselho, situação na qual poderá optar, ao invés do *dever*, por *convém* ou *é oportuno*. Segundo Maillot (1975: 50-51), o modal *should* “não passa de uma forma atenuada de *shall* e,



comparado a este, apresenta a diferença que existe entre uma recomendação e uma prescrição”.

(56) “There **should** be measures in place to ensure that a venue or site can exercise a degree of control over the activities that take place within their property boundaries.” – “Os locais **devem** ter medidas implementadas que assegurem um determinado nível de controlo sobre as actividades exercidas dentro dos limites da propriedade.”

Neste exemplo, não existe um dever: a entidade emissora aconselha os profissionais, utentes e fornecedores de locais de saúde, de forma geral e abstracta. Não há, por conseguinte, um poder de direcção e um dever correspondente de obediência. Contudo, a seriedade da ameaça em causa (o terrorismo) e os possíveis perigos daí resultantes (ataque à integridade física ou, em casos extremos, morte) requer um termo que pressuponha a ideia de necessidade: é necessário que os visados deste texto ajam em conformidade com os conselhos da entidade emissora para que possam estar em segurança.

### ➤ **Gerúndio**

O gerúndio é habitualmente descrito como uma forma nominal dos verbos, assim como o infinitivo e o particípio passado, e é utilizado para apresentar uma acção em curso (“saindo às três, chegamos antes do anoitecer”) e desempenha predominantemente funções adverbiais (“O pai lia o seu livro, reflectindo de tempo a tempo”), não obstante a sua possível utilização como modificador nominal, à semelhança dos adjectivos, embora com restrições (“as caixas contendo medicamentos têm prioridade”). “Tal como o infinitivo, o gerúndio não apresenta marcas morfológicas de temporalidade, sendo, pois, incapaz de contribuir por si só para o valor temporal das orações em que ocorre.” (Oliveira, 2013: 549)

Napoleão Mendes de Almeida, no dicionário de Questões Vernáculas, alerta para os perigos da utilização incorrecta do gerúndio, nomeadamente censura quem utiliza o gerúndio no lugar de subordinada adjectiva: “em legítimo português diz-se ‘Língua

extinta é a que não deixou documentos que provem a sua existência’ (e não ‘...que não deixou documentos provando a sua existência.’)”<sup>7</sup>

Dar-se-ia o caso de cair neste erro se tivéssemos optado pela tradução literal do seguinte exemplo:

(57) “Bomb threats containing accurate and precise information, and received well in advance of an actual attack, are rare occurrences.” - “As ameaças de bomba que contêm informação exacta e precisa e que são recebidas com bastante antecedência relativamente ao atentado são ocorrências raras.”

“As orações gerundivas têm dois tipos de ligação com a oração principal da frase complexa em que ocorrem. Num desses tipos, as orações gerundivas são sintática e prosodicamente integradas na oração principal, tendo tipicamente um valor de modo e uma interpretação temporal de sobreposição com o tempo da situação expressa pela oração principal.” (Oliveira, 2013: 549) É o que se verifica neste exemplo, no qual recorri ao gerúndio ainda que esta formal nominal não se encontre no excerto original:

(58) “Tendo em vista a segurança das suas instalações, utilize o manual na sua acção de defesa e elabore os planos de segurança em parceria com serviços de emergência, outras autoridades adequadas e as entidades próximas à sua.”

“No outro tipo, as orações gerundivas são prosodicamente autónomas relativamente à oração principal (o que é marcado na ortografia por uma vírgula), mantendo com ela uma ligação sintática mais fraca.” (Oliveira, 2013: 549) Veja-se o caso da seguinte frase:

(59) “O seu hospital ou centro cirúrgico podem ser alvos de um incidente terrorista, podendo incluir uma situação de ameaça de bomba ou de objectos suspeitos deixados no interior ou no exterior da área.”

---

<sup>7</sup> <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt>

## Questões Lexicais

### ➤ **Terminologia**

A terminologia é essencial na construção de parâmetros representativos do conhecimento e surge frequentemente em qualquer texto de cariz técnico. Para Teresa Cabré (2010:357), a terminologia “aims at collecting specialized terms to compile them and produce terminological resources (glossaries, dictionaries, vocabularies or databases)”.

É, neste sentido, uma forma de uniformização e harmonização dos termos, que facilita especialmente o trabalho do tradutor, permitindo elucidá-lo relativamente ao significado das palavras, nomeadamente as possíveis acepções, as palavras comumente relacionadas e o contexto em que surgem. Citando Cabré, “knowing the terminology of a field implies acquiring knowledge of it. In this sense, terminology has a metacognitive function as it helps translators to organize their knowledge on the subject, and provides them the lexical units (terms) to express the specialized knowledge units of the field adequately”. (Cabré, 2010:358)

Do mesmo modo, o leitor pode construir uma expectativa de confiança no que diz respeito à nomenclatura. Saberá que, quando inseridos num determinado ramo, os termos terão, certamente, o significado que lhes é expectável.

Para Maillot (1975:118), “a terminologia chega, frequentemente, a determinar, não somente as relações entre um termo e uma noção, mas também as relações lógicas entre partes aparentadas de termos e de noções, contribuindo, destarte, para constituir por síntese um conjunto”.

Vejamos alguns exemplos de questões terminológicas dos manuais traduzidos:

#### ⇒ Os tipos de segurança

Na introdução do manual, são apresentados os quatro tipos principais de segurança a ser analisados. São eles: *Physical security*, *Personnel and People Security*, *Cyber Security* e *Personal Security*.

**Physical Security** dirá respeito à “constituição de barreiras de forma a evitar, ou retardar, intrusões e garantir uma resposta mais eficaz às mesmas”<sup>8</sup>, como é o caso da gestão do correio electrónico, do controlo dos sistemas de ar condicionado ou do sistema de circuito fechado de televisão;

(60) “Effective **physical security** of a crowded place is best achieved by multi-layering the different measures, what is commonly referred to as ‘defence-in-depth’.” “A segurança física eficaz de um local com elevada afluência de pessoas pode ser alcançada através da estratificação de diferentes medidas, comumente designada por ‘defesa em profundidade’.”

(61) “Review the design and **physical security** of your air-handling systems, such as access to intakes and outlets, avoiding the use of ground level, or near ground-level, air intakes.” – “Reveja o formato e segurança física dos seus sistemas de tratamento do ar, tais como as vias de entrada e saída, evitando a instalação de sistemas de aspiração no piso térreo ou próximo do piso térreo.”

**Personnel and People Security** é um termo mais abrangente, englobando a segurança das pessoas (trabalhadores, utentes e fornecedores), dos edifícios e da tecnologia.

(62) “**Personnel and people security** requires the integration of physical, personnel, people and cyber security. To achieve effective personnel security a system of policies and procedures are required to reduce the risk of an organisation’s assets from being exploited” - “A segurança dos trabalhadores e dos utentes requer a integração das medidas de segurança das instalações, dos funcionários, das pessoas e do sistema informático. Para garantir a segurança dos funcionários é necessário um sistema de políticas e procedimentos que reduzam o risco de violação das instalações de uma organização.”

**Cyber Security** trata da segurança ao nível virtual.

(63) “The cyber threat as one of the most significant risks to UK interests. The National Cyber Security Centre role is to reduce the cyber security risk to the UK by improvising its **cyber security** and cyber resilience.” - As ameaças informáticas representam um dos maiores riscos para os interesses do Reino Unido. O papel do National Cyber Security Centre é

---

<sup>8</sup> apsei.org.pt

reduzir o risco de ataque informático no Reino Unido por intermédio de uma melhoria na segurança e na defesa informáticas.”

**Personal Security** é relativa à segurança do próprio leitor.

(64) “Our own security, and the safety of those close to us, is of utmost importance. The more you do to protect yourself, the safer you and your family will be.” – “A nossa própria segurança e a dos que nos são próximos é de extrema importância. Quanto maior a sua protecção, mais seguro estará, assim como a sua família.”

Numa fase inicial, o termo *Personnel and people security* parece dizer respeito à segurança dos trabalhadores e utentes do local de actividade em questão. Contudo, através da leitura do documento na íntegra, foi possível compreender que o capítulo faz menção aos trabalhadores, aos processos de contratação, aos riscos de uma ameaça interna representada por um trabalhador e à possibilidade de *reconhecimento hostil* por parte de um utente. Por reconhecimento hostil entende-se a operação através da qual uma pessoa, geralmente movida pelas piores intenções, verifica os pontos fracos dos edifícios e dos respectivos mecanismos e planos de segurança. O capítulo correspondente a esta temática começa com a seguinte elucidação:

(65) “Personnel security is a system of policies and procedures which seek to manage the risk of people exploiting their legitimate access to an organisation’s assets or premises for unauthorised purposes.” – “A segurança dos trabalhos diz respeito a um sistema de políticas e procedimentos com o intuito de controlar o risco de exploração, por parte de pessoas com acesso legítimo e fins não-autorizados, de bens ou instalações da organização.”

Verifica-se, à luz desta designação, que o título escolhido para esta temática pode ser enganador. Não se refere somente à segurança das pessoas (trabalhadores, utentes e fornecedores), dos edifícios e da tecnologia *lato sensu*. Tem o intuito particular de alertar os responsáveis pela segurança relativamente às formas como as pessoas anteriormente referenciadas podem comprometer a segurança do edifício e dos que nele se encontrarem.

Contudo, para respeitar a designação original, optei pela tradução de “Personnel and people security” como “Segurança dos trabalhadores e utentes.”

⇒ *External evacuation or Internal or inwards evacuation (invacuation)*

A meu ver, a tradução literal desta expressão seria impraticável. Em primeiro lugar, porque, na língua portuguesa, não existe o conceito de “evacuação externa” ou de “evacuação interna”. O primeiro é uma redundância, na medida em que a acção de evacuar compreende sair colectivamente de um local para o seu exterior. O segundo é ambíguo e ininteligível, sendo o significado da expressão inglesa apenas transferível para “confinamento”, a acção de permanecer colectivamente no interior de um local. O termo “isolamento” não foi considerado neste âmbito por corresponder ao termo “lockdown”. O próprio manual, no capítulo “Evacuation, invacuation, lockdown, protected spaces”, traça a diferença clara entre confinamento (“invacuation”), com o significado de manter as pessoas dentro do edifício para que permaneçam em segurança e isolamento (lockdown), com a aceção de bloquear a entrada ou saída de pessoas do edifício.

(66) “Internal or inwards evacuation (**Invacuation**) – There are occasions when it is safer to **remain inside**. Staying in your venue and moving people away from external windows/walls is relevant when it is known that a bomb is not within or immediately adjacent to your building.” – “**Confinamento** - Por vezes é mais seguro **permanecer no interior das instalações**. Se tiver conhecimento de que a bomba não se encontra no interior ou nas áreas adjacentes ao seu edifício, é pertinente manter-se no seu local de actividade e afastar as pessoas de janelas/paredes externas.”

Igualmente inviável parece ser o decalque do termo “invacuation” – “invacuação” – o qual não consta nos dicionários em papel nem surge em qualquer pesquisa através da internet.

Não obstante, tal como referido anteriormente, a língua não é um instrumento de comunicação cristalizado e sofre, diariamente, alterações, a par e passo do desenvolvimento social e cultural. “A própria língua, encarada que é como organismo vivo, encarregar-se-á ao longo do tempo de rejeitar o que lhe não serve” (Schleiermacher:2004:15). Nesta senda, também Newmark (1988:212) advoga uma certa autonomia por parte do tradutor: “I am not suggesting that you can be as free as you like with informative texts. I am merely establishing your right, if the original has no stylistic pretensions or is an example of bad writing, to select an appropriate style of your own, usually the **clearest**, most **straightforward** writing you can muster.”

Por outro lado, poder-se-ia ter em conta a utilização comum dos prefixos *e-* e *in-* na língua Portuguesa e sugerir a criação de um novo termo: “invacuação”. O prefixo *in* pode sugerir um movimento para dentro, como se verifica com os verbos *induzir* e *imiscuir-se*<sup>9</sup>. Assim sendo, o tradutor poderia optar por traduzir *invacuation* como *invacuação*. No entanto, a criação de palavras dependerá da liberdade ou flexibilidade da língua de chegada, “por forma a que não se ressinta demasiadamente das inovações; que exista já socialmente um desejo consciente de compreensão do ‘estranho’”. A manutenção do novo termo e consolidação no ordenamento lexical do idioma exigirá que “não seja utilizada de forma casual e isolada, implicando uma utilização em larga escala”. (Schleiermacher, 2004:15).

⇒ **Attack – Atentado.**

No caso da tradução da palavra “attack”, a Dr.<sup>a</sup> Cristina Reis aconselhou a utilização do termo *atentado* ao invés da tradução literal *ataque*, por ser esta a opção comumente escolhida pelas entidades de segurança/forças policiais portuguesas.

O termo *atentado* parece ser mais específico no âmbito da problemática do terrorismo, surgindo com a aceção de “delito, particularmente o cometido contra o estado ou uma autoridade”<sup>10</sup>, ao passo que *ataque* é um conceito amplo de agressão. Poder-se-ia afirmar que *atentado* é um hipónimo de *ataque*. “Frequentemente, palavras que pertencem à mesma área semântica encontram-se relacionadas entre si em termos da maior ou menor especificidade do seu sentido.” (Raposo, 1992: 200)

Contudo, a aceção sugerida pelo dicionário *online* Priberam é demasiado restritiva: os atentados podem, certamente, ter em vista um país e as suas organizações estatais – como foi o caso do mais célebre dos atentados terroristas que remonta ao dia 11 de Setembro de 2001 –; porém, são cada vez mais frequentes os atentados movidos por crenças religiosas, nomeadamente por grupos extremistas de cariz religioso – relembre-se os exemplos mais chocantes do ano de 2019: o atentado contra muçulmanos numa mesquita em Christchurch, cidade na Nova Zelândia, e as explosões em igrejas e hotéis no Sri Lanka, por ocasião das festividades religiosas da Páscoa.

---

<sup>9</sup> <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt>

<sup>10</sup> <https://dicionario.priberam.org>

⇒ **“Criminal Prosecution”/ “Prosecution”**

(67) “There is the potential of criminal prosecution and penalties under health and safety legislation for companies and individuals, particularly when statutory duties that have not been met” - “Ao abrigo da legislação de saúde e segurança das empresas e particulares, existe a possibilidade de acção penal e sanções, nomeadamente mediante o incumprimento de deveres estatutários.”

Por acção penal entende-se “a acção que é exercida pelo Ministério Público com carácter eminentemente público: em processo penal, o estado é titular da acção penal, exercendo o seu poder de prossecução criminal por intermédio e representado por aquele. (...) Traduz-se na realização de um conjunto de actos, legalmente ordenados, que visam a determinação da responsabilidade criminal do(s) agente(s) do(s) crime(s).” (Prata, 2007:16)

(68) “Some airports have implemented local response and prosecution strategies.” - “Alguns aeroportos já implementaram respostas locais e estratégias de prossecução.”

Neste caso, surgiu a dúvida se o termo poderia referir-se, igualmente, a acções penais. Contudo, tal como se pode verificar na definição anteriormente mencionada de *acção penal*, a iniciativa para tal é da competência exclusiva do Ministério Público, não podendo ser implementada por outra entidade, tal como o corpo administrativo de um aeroporto.

⇒ **Outros exemplos**

Para a tradução de alguns termos foi necessário recorrer à terminologia de várias áreas.

**Biologia**

(69) “Illnesses caused by the deliberate release of dangerous bacteria or viruses or by biological toxins, such as ricin, found in castor oil beans.” – “Doenças provocadas pela libertação deliberada de bactérias ou vírus perigosos ou de toxinas biológicas, tais como a ricina, presente nas sementes de mamona.”



## Defesa

(70) “The selection of the most appropriate **physical mitigations** will depend upon the nature of the risks.” - “A seleção das medidas mais adequadas para a **redução dos danos materiais** dependerá da natureza dos riscos.”

## Direito

(71) “Try and preserve for **evidential value**” - “Tente guardar para **valor probatório.**”

## Indústria

(72) “Review the design and physical security of your **air-handling systems**, such as access to intakes and outlets.” – “Rever o formato e segurança física dos **sistemas de tratamento do ar**, nomeadamente o acesso aos locais de entrada e saída do ar.”

(73) “Debris, such as **broken glass** and metal in the form of secondary fragmentation, can present a hazard a considerable distance away from the seat of the explosion.” - “Os fragmentos, tais como **estilhaços de vidros** e metais, na forma de uma fragmentação secundária podem constituir um perigo a uma distância considerável do local da explosão.”

(74) “Remember that **glazed doors** are only as strong as their weakest point, which may be the glazing.” - “Lembre-se que a resistência das **portas envidraçadas** é tanto maior quanto menor for o seu ponto fraco, o qual pode estar na parte de envidraçamento”

Ainda na área da indústria, o manual de medidas de combate ao terrorismo faz alusão aos vários tipos de vidros utilizados na construção de janelas, os quais traduzi da seguinte forma:

(75)

<b>Annealed/float glass</b> <i>Traditional window glass which forms sharp glass shards when broken. It is not recommended for use in any security solution.</i>	<b>Vidro comum/vidro float</b> Vidro tradicional para janelas que forma estilhaços afiados ao partir. Não é aconselhável como solução de segurança.
<b>Toughened or tempered glass</b> <i>The production process produces glass that is approximately five times stronger than</i>	<b>Vidro temperado</b> O processo de produção origina vidro que é aproximadamente cinco vezes mais

<i>annealed glass. It will break into small chunks instead of glass shards.</i>	resistente do que o vidro comum. Partir-se-á em pequenos pedaços em vez de estilhaços afiados.
<b>Heat strengthened glass</b> <i>This is similar to toughened glass but is only twice the strength of annealed glass.</i>	<b>Vidro reforçado por aquecimento</b> É semelhante ao vidro temperado, porém tem apenas o dobro da resistência comparativamente ao vidro comum.
<b>Laminated glass sandwiches</b> <i>An interlayer between layers of glass designed to hold together when the glass shatters.</i>	<b>Vidro laminado</b> Uma camada intermédia no meio de várias camadas de vidro concebidas para se manterem unidas quando o vidro se parte.
<b>Polycarbonate</b> <i>Significantly stronger and lighter than glass and hard to break.</i>	<b>Policarbonato</b> Significativamente mais forte e mais leve do que o vidro e mais difícil de partir.

## Judicial

(76) “It is worth remembering that implementing measures for countering terrorism will also work against other forms of criminality, such as theft, burglary and **arson**.” - “Tenha em mente que as medidas a considerar no âmbito do combate ao terrorismo também serão úteis contra outras formas de criminalidade, tais como furtos, assaltos e **fogos postos**.”

Neste âmbito, nomeadamente na vasta listagem de problemas de policiamento apresentada no manual dos Estados Unidos, são apresentados vários termos semelhantes que, consoante o contexto, podem ter diferentes interpretações. É o caso dos termos *assault*, *theft*, *burglary* e *robbery*.

*Assault* pode ser referente ao “roubo com uso de força”<sup>11</sup> – *assaults in workplaces* – ou ao assédio sexual – *sexual assault by strangers*.

*Theft* foi traduzido por furto, cuja aceção pressupõe a subtração fraudulenta de um bem sem recurso à violência. – *theft from people (pickpocketing)*.

---

<sup>11</sup> www.priberam.pt

*Burglary* é outra palavra correspondente ao termo português *assalto* – *burglary of residences*.

Por fim, *robbery* pode ser traduzido como *roubo*. Em termos jurídicos, o roubo, ao contrário do furto, envolve violência na acção e violação da integridade física da pessoa ou danos patrimoniais (propriedade) – *Robbery by home invasion*.

### **Medicina**

- *Shaken baby deaths* – síndrome do bebé sacudido
- *Sleeping rollover deaths* – mortes por esmagamento ou asfixia na cama

### **Tecnologia**

- *Unmanned Aircraft Systems* – sistemas aéreos automatizados
- *Improvised Explosive Devices* – dispositivo explosivo improvisado
- *Remotely Piloted Aircraft Systems* – Veículos aéreos pilotados por controlo remoto

No que diz respeito aos dispositivos explosivos improvisados, a língua inglesa possui vocabulário especializado para designar os diferentes modelos criados pelos terroristas. A ausência de termos correspondentes no português da vertente europeia é justificável pelo facto de ainda não ter ocorrido um atentado terrorista no território nacional e pela suposição de que o nosso país está menos vulnerável a esta ameaça.

Precisamente por não encontrar termos equivalentes, optei pela manutenção dos termos em inglês e recorri a notas de rodapé nas quais procurei traduzir e explicar o tipo de dispositivo apresentado:

- *Radio controlled IED (RCIED)* - Dispositivo explosivo improvisado rádio comandado
- *Person Borne Improvised Explosive* - Dispositivo explosivo improvisado transportado e escondido numa pessoa (na roupa, nos sapatos ou noutros tipos de vestuário)

- *Postal device (delivered) - Victim Operated IED* - Dispositivo explosivo improvisado desenvolvido pelas acções de uma pessoa (ou veículo) inocente. O dispositivo depende de uma acção do alvo que desencadeie o funcionamento do dispositivo.
- *Vehicle Borne IED (VBIED)* - Dispositivo explosivo guardado e transportado por uma viatura.
- *Under Vehicle IED (UVIED)* - Dispositivo explosivo guardado e transportado na parte de baixo de uma viatura.

### ➤ **Ambiguidade no Texto de Partida**

“In any fussy or obscured syntactical (surface) structure, the translator’s job is to find the underlying (deep) structure. In my opinion, the most useful procedure is to discover the logical subject first, then its specific verb, and let the rest fall into place.”  
(Newmark)

Os textos contêm, por vezes, alguns termos ou construções sintácticas que não são facilmente inteligíveis, face à ambiguidade que comportam. Cabe ao tradutor explorar o contexto para apreender a interpretação pretendida de forma a encontrar soluções pertinentes para a tradução.

Esta dificuldade foi particularmente sentida na tradução do manual do Reino Unido que, comparativamente ao manual dos Estados Unidos da América, dá azo a uma interpretação, por vezes, mais intrincada.

A procura de soluções teve em vista o conteúdo da mensagem – as orientações de segurança destinadas a um determinado público-alvo. Tal como afirma Newmark (1988: 128), “It is usually more important for the translator to make or indicate the sense of a passage than to funk the issue by rendering it correctly”.

Neste âmbito, surge a importância da coerência textual, a qual é “um factor de textualidade que resulta da interacção entre os elementos cognitivos apresentados pelas ocorrências textuais e o nosso conhecimento do mundo. Assim, uma condição cognitiva sobre a coerência de um texto é a suposição da normalidade do(s) mundo(s) criado(s) por esse texto: um texto é coerente se os elementos/esquemas cognitivos

activados pelas expressões linguísticas forem conformes àquilo que sabemos. (Gramática da Língua Portuguesa:2003)

A ambiguidade surge quando a sequência de palavras escolhida pelo emissor dá azo a diferentes interpretações. A autora Malmkjaer (2005:109) distingue este fenómeno de outro, ao qual dá o nome de “vagueness”: “Although we sometimes need to check each other’s meanings, most of the time, we understand which of several potential meaning is intended in any instance of use. It is fortunate indeed that we have this ability to relate utterances and written sentences to their co-text and context in such a way that we understand the utterer’s intentions most of the time, because it is also true that almost any linguistic item can be used in many ways and with many functions. For this reason, it is useful to try to keep the notion of ambiguity apart from another property of terms, which we might prefer to call vagueness”.

### **Ambiguidade Estrutural**

(81) “Even if organisations or businesses surrounding your location are not concerned about terrorist attacks, they will be concerned about general crime, your security measures will help protect against crime as well as terrorism.” - “Ainda que as organizações e empresas das áreas circundantes não estejam preocupadas com a possibilidade de um atentado terrorista, apenas com a criminalidade em geral, as suas medidas de segurança ajudá-lo-ão a combater não só o crime, mas também o terrorismo.”

Neste caso, o excerto do texto de partida permite duas análises da forma como as frases ou orações estão combinadas. A primeira oração é uma oração subordinada condicional, introduzida por *even if*, não sendo claro qual é a oração principal a que se liga. Uma hipótese é que seja a oração *they will be concerned about general crime*, formando o complexo [*Even if organisations or businesses surrounding your location are not concerned about terrorist attacks, they will be concerned about general crime*], a que se liga a frase seguinte (*your security measures will help protect against crime as well as terrorism*). Neste caso, em português, o sinal de pontuação entre esta segunda frase e a anterior seria um ponto final e não uma vírgula. Uma outra hipótese é que a oração principal a que se liga a oração condicional introduzida por *even if* seja a oração *your security measures will help protect against crime as well as terrorism* e que a frase *they will be concerned about general crime* seja um aposto (sendo este o

caso, em português seria preferível colocá-la entre parênteses. Esquemáticamente, as duas hipóteses em causa são as seguintes:

(i) *[[Even if organisations or businesses surrounding your location are not concerned about terrorist attacks, they will be concerned about general crime] [your security measures will help protect against crime as well as terrorism]]*

(ii) *[Even if organisations or businesses surrounding your location are not concerned about terrorist attacks [they will be concerned about general crime] your security measures will help protect against crime as well as terrorism]*

Apesar desta duplicidade de análise da forma como as frases estão combinadas, o significado resultante de uma combinação é idêntico ao da outra, sendo facilmente apreensível o sentido da frase original: dar ênfase à abrangência das medidas de segurança e à relação que estabelece entre as preocupações das organizações alheias e as medidas de segurança a adoptar pelo leitor. Creio que a opção apresentada capta esse sentido e não transporta para o texto de chegada a referida ambiguidade do texto de partida.

### **Ambiguidade Lexical**

(82) “Protection of controversial speakers.”

Este tipo de ambiguidade é mais difícil de solucionar do que a ambiguidade estrutural. O caso (82) é particularmente complexo visto que a expressão *protection of controversial speakers* surge isolada no âmbito de uma vasta lista de problemas de policiamento, pelo que não é possível recorrer ao contexto para captar com clareza o sentido da palavra pretendido. O tradutor poderia optar por manter a ambiguidade através da tradução literal “protecção de oradores controversos”, contudo, esta escolha peca pela falta de clareza para um falante da língua portuguesa.

O significado que se atribui a uma palavra está associado à mundividência conceptual do receptor. Na minha óptica, o autor estaria a referir-se a pessoas ligadas a manifestações sobre questões controversas – a manifestação não se cingiria à acepção que lhe é comumente conferida (“ demonstração pública dos sentimentos

ou ideias dos membros de um partido, de uma colectividade ou de um conjunto de pessoas<sup>12</sup>), seria também respeitante a outras formas públicas de expressão, tal como uma entrevista na televisão ou um artigo de opinião no jornal.

O termo volta a aparecer mais tarde, desta feita num conjunto de problemas de policiamento referentes a espaços públicos, o que leva a crer que a expressão é, de facto, relativa a demonstrações orais de opinião em espaços públicos – manifestações. Pelos motivos apresentados, acrescentei uma nota de rodapé com a possível aceção “protecção de pessoas ligadas a manifestações sobre questões controversas”, mantendo a expressão na língua original.

### ➤ **Traduções com recurso a perífrase**

Ao contrário da língua inglesa, que tem um carácter predominantemente sintético, a língua portuguesa possui uma tendência analítica. Por outras palavras, é difícil verbalizar as coisas de forma curta. Os manuais fazem referência, por diversas vezes, a denominações com uma ou duas palavras e é neste ponto que o tradutor é desafiado: perante a impossibilidade de transferir o significado da designação em causa por meio de uma ou duas palavras, tal como no inglês, deve traduzir através de uma perífrase, de forma a disponibilizar “explanations rather than making cultural adaptations as a strategy for bridging anticipated gaps in the target-language audience’s knowledge” (Fawcett, 1997: 45).

Os exemplos seguintes ilustram a tradução por perífrase à qual recorri durante a tradução dos manuais.

(83) Larger sites may additionally have ‘**crash**’ **gates** that will require a strict security regime to ensure they are not breached. Access points should be kept to a minimum, with any boundary fences or demarcation lines clearly signed. - “Os locais de maiores dimensões podem ter, adicionalmente, **pontos de acesso facilmente transponíveis** que exijam um regime de segurança mais rigoroso para impedir entradas ilícitas. Os pontos de acesso devem ser reduzidos ao mínimo, com vedações ou linhas de delimitação devidamente assinaladas.”

Neste caso, foi necessário proceder à introdução de palavras para clarificar o significado do termo original. Sem os factores contextuais, não seria possível compreender a aceção do termo *crash gates*. A possibilidade de entrada ilícita

---

<sup>12</sup> [www.priberam.pt](http://www.priberam.pt)

através destes pontos de acesso, conferida pelo seguimento da frase – *to ensure they are not breached* –, leva a crer que o manual se refere a pontos de acesso facilmente violáveis.

⇒ **“Crowded places”**

Este termo, que aliás dá o título ao manual do Reino Unido, foi traduzido de duas formas: *espaços públicos* e *local com elevada afluência de pessoas*.

**Espaços públicos** – esta opção seria preferível no caso de elaboração de um título, para efeitos de síntese. No entanto, pecaria por não ter exactamente a mesma acepção que o termo original. Um espaço público é, por definição, um local de uso comum, cuja facilidade de acesso é um dos elementos distintivos relativamente a espaços privados, porém não implica necessariamente a presença de um grande número de pessoas. Quase todas as ruas são consideradas espaços públicos, contudo, há ruas cuja afluência é praticamente nula. Por outro lado, ao passo que o manual faz referência a locais tais como hospitais, o termo *espaço público* remete para duas tipologias espaciais genéricas: os locais de permanência e os circuitos. “Os locais de permanência definem-se como cenários de actividade e comportamento, isto é, como locais que estimulam acções e comportamentos espontâneos e a assistência ou participação nestes acontecimentos, como por exemplo, o simples passeio, o encontro com a natureza, descansar, brincar, jogar, o encontro com os amigos, o encontro com os outros, o ‘ver e ser visto’. (...) Os circuitos definem-se como percursos urbanos, por permitirem a mobilidade de pessoas e veículos. Podem ser exclusivamente para peões (percursos pedonais), mistos (para peões e veículos) ou exclusivamente para veículos, incluindo também espaços reservados ao estacionamento de veículos.”<sup>13</sup>

O manual *Crowded Places Guidance* norteia-se pela problemática do terrorismo e, como bem sabemos, estes incidentes ocorrem maioritariamente em locais com uma considerável concentração de pessoas por forma a que os danos sejam manifestamente superiores, instalando uma sensação de insegurança e pânico. Por outro lado, a utilização do termo *público* poderia obstar à distinção jurídica público/privado, sendo que o manual faz referência a espaços, tais como hospitais, que podem ser entidades públicas ou privadas.

---

<sup>13</sup> <https://repositorio-aberto.up.pt>



**Locais com elevada afluência de pessoas** – esta alternativa, mencionada diversas vezes ao longo do texto, recorre a uma construção com perífrase. Embora não seja ideal, detém efectivamente a ideia de um lugar com muita movimentação e, por essa razão, propenso a alvo de ataque terrorista. Outra alternativa, a tradução literal *lugares movimentados* não se coadunaria com a formalidade do texto.

### ➤ **Substituição de termos para fins de precisão**

O manual de conselhos de segurança no combate ao terrorismo contém, por vezes, termos que podem ser avaliados como imprecisões. O tradutor pode contornar esta questão ao aplicar algumas alterações que não desvirtuem o sentido do texto.

(84) “Managers of crowded places now have to consider a wider range of terrorist **methodologies** than previously, including hostile actors using firearms and vehicles as weapons.” – “Actualmente, os gestores dos locais com elevada afluência de pessoas têm de considerar uma gama mais vasta de **métodos** terroristas, incluindo agentes hostis que utilizam armas de fogo e veículos como armas.”

Com alguma frequência, é estabelecida uma relação errónea de sinonímia entre as palavras *método* e *metodologia*, o que levaria à tradução de *terrorist methodologies* por *metodologias terroristas*. Recorde-se que a sinonímia consiste na “relação de sentido entre duas ou mais unidades lexicais cujo significado é idêntico ou que podem ser utilizadas individualmente num mesmo contexto sem que com isso se verifique uma alteração da frase (Mateus e Xavier, 1992: 351).

Graças à especificação que se segue – a utilização de armas de fogo e veículos como armas – é possível perceber que o texto se refere a um método – “estratégia ou o modo de proceder de uma determinada investigação”<sup>14</sup> – e não a uma metodologia. Maxwell (2005:137) é um dos autores que estabelece esta distinção: “The term ‘methodology’ is often used for this section of a proposal. Despite its prevalence, this is an inaccurate and pretentious usage, a good example of what Becker called “classy writing”. Methodology is the theory or analysis of methods, not what you actually do in a particular study.”

---

<sup>14</sup> porhipatia.blogspot.com

## ➤ **Empréstimos**

Neste capítulo, menciono alguns casos de termos para os quais não foi encontrado um equivalente apropriado. Ao invés, considere mais profícua a transferência do termo através de um empréstimo e a respectiva elucidação do seu significado mediante uma nota de rodapé.

Segundo Ferreira (2006:17), as notas de rodapé são um espaço “privilegiado do discurso do tradutor”, no qual pode explicar-se o significado dos termos, elucidando o leitor.

Também Genette faz referência a esta ferramenta (1997:319) ao descrevê-la como “uma colocação de extensão variável, conectada a um segmento de texto mais ou menos definido e colocada em oposição ou em harmonia com este segmento”.

A este propósito, Newmark (1988:100) advoga: “In general, the more serious and expert the readership (...) the greater the requirement for transference – not only of cultural and institutional terms, but of titles, address and words used in a special sense. In such cases, you have to bear in mind that the readership may be more or less acquainted with the source language, may only be reading your translation as they have access to the original, may wish to contact the writer of the SL text to consult his other works, to write to the editor or publisher of the original. Within the limits of comprehension, the more that is transferred and the less that is translated, then the closer the sophisticated reader can get to the sense of the original.”

Na linha de raciocínio de Newmark e considerando, particularmente, o caso das pessoas que não podem aceder ao texto original, recorri ao empréstimo dos seguintes termos:

- **“Flash mob”** – são aglomerações instantâneas de pessoas num determinado lugar para realizar uma determinada acção combinada *a priori*.
- **“Chop shops”** - são estabelecimentos que desmontam carros roubados com o propósito de vender as peças separadamente.
- **“Joyriding”** – refere-se a situações nas quais um veículo é roubado sem um intuito particular, apenas por diversão.

- “**Smash and grab**” - termo utilizado para referir assaltos nos quais o infractor parte uma janela do estabelecimento ou do veículo.
- “**First Person View (FPV) goggles**” – são óculos com tecnologia de vídeo transmitida através da câmara instalada no sistema aéreo automatizado.
- “**Illegal street vending (squeegee)**” – este termo (“squeegee”), que diz respeito à venda ilegal na rua, não tem correspondente directo na língua portuguesa.

Considere-se, ainda, o seguinte exemplo:

(85) “Within the wider definition of CBR, the term ‘**White Powders**’ is also often used in a mail context to describe the potential presence of a noxious substance (or hoax material) in a letter or parcel that is designed to cause significant harm or disruption.” – “No âmbito da definição de QBR, o termo ‘**White Powders**’ também é utilizado no contexto do correio para descrever a eventual presença de uma substância nociva (ou material de embuste) numa carta ou encomenda destinada a causar danos ou distúrbios significativos.”

A tradução do termo sublinhado neste excerto foi também realizada através de uma nota de rodapé (pós brancos). Dada a inexistência de uma expressão na língua portuguesa que possa remeter para o significado do termo – “eventual presença de uma substância nociva (ou material de embuste) numa carta ou encomenda destinada a causar danos ou distúrbios significativos” - optei por manter a expressão na língua de partida.

### ➤ **Termos polissémicos**

Os termos polissémicos estabelecem “a associação de uma forma lexical única a sentidos diferentes que mantêm entre si alguma relação” (Chaves, 2013: 192). Por outras palavras, é possível atribuir vários significados a um só termo. Perante a polissemia, o tradutor equaciona qual o termo mais indicado na língua de chegada. Esta ponderação é indissociável do enquadramento do termo no texto e da consulta de dicionários.

Tal como refere Maillot (1975:9) “pode acontecer que, para designar várias noções diferentes, uma língua dada só disponha de um único termo, ao passo que, noutra língua, a cada uma dessas noções corresponda um termo distinto, o que

levanta um problema de procura de equivalências. (...) o caso mais favorável para o tradutor é aquele em que à polissemia na língua de partida corresponde a monossemia na língua de chegada. Assim, à primeira vista, não surge o problema da escolha entre dois termos”. Contudo, na tradução de inglês para português são escassas as ocasiões em que esta situação se verifica, dada a riqueza lexical da língua portuguesa.

O autor distingue, ainda, polissemia simples, que se “traduz por um sistema de igualdade possuidoras de um termo comum” da polissemia complexa, nos “casos em que a multiplicidade dos termos e das noções, variáveis de acordo com a língua examinada, não permitem uma representação tão simples” (Maillot, 1975:9).

Considere-se o caso dos termos “**deliver**” e “**delivering**” nos exemplos seguintes:

(86) “The use of suicide bombers is a method of **delivering** an explosive device to a specific location. Explosives can be **delivered** using a vehicle, plane or maybe carried or concealed on a person, in the form of PBIEDs and VBIEDs.”

(87) “Whilst a PBIED potentially affords a more flexible and penetrative **delivery** of a smaller explosive device, a VBIED may be capable of **delivering** a large quantity of explosives to a target causing a great deal of damage.”

A tradução do verbo *deliver* para português pode assumir vários significados.

No primeiro exemplo, a expressão *method of delivering* poderia referir o método de entrega do explosivo numa determinada localização. Porém, o seguimento da frase – “explosives can be delivered using” – já não remete para a tradução do termo como *entregar*. A alternativa *transportar*, por sua vez, parece mais indicada. Os explosivos são transportados por meio de bombistas suicidas, veículos, entre outros. Contudo esta opção pode ser insatisfatória, na medida em que o termo *deliver* pode ser relativo não só ao transporte mas também à activação do dispositivo, como é o caso do segundo exemplo – “a VBIED may be capable of delivering a large quantity of explosives to a target causing a great deal of damage.”

O verbo pode ainda surgir com o significado de *fazer*, como se pode verificar por este exemplo:

(88) “If the threat is delivered face-to-face” - “Se a ameaça for feita em pessoa”

Considere-se ainda o termo *rehearsal* do exemplo 89:

(89) “Staff must have clearly defined roles and responsibilities, tasking and procedures to follow. This must be underpinned by training, rehearsal and exercising”. - Os trabalhadores devem ter bem definido quais são as suas funções e responsabilidades, tarefas e procedimentos a seguir. Isto deve ser consolidado com formação, simulações e exercícios.”

O termo *rehearsal* surge nos dicionários com a acepção de:

- “a time when all people involved in a play, dance, etc. practice in order to prepare for a performance.”<sup>15</sup>
- “a private performance or practice session preparatory to a public appearance” ou “a practice exercise.”<sup>16</sup>

Esta palavra remete para o domínio artístico, tal como a sua tradução literal *ensaio*. Não obstante, a língua inglesa parece admitir a utilização da palavra *rehearsal* noutro contexto que não o das artes performativas através da sua aproximação à ideia de “trial” (teste ou tentativa”). A palavra *ensaio*, tal como é comumente referida na língua portuguesa, também contém esta conotação: “Operação feita para comprovar as qualidades ou propriedades de alguma coisa ou para verificar se algo convém ou não a determinado fim.”<sup>17</sup>

Ainda assim, considere-se mais razoável optar pelos termos *teste*, *simulação*, ou *simulacro*. Efectivamente, os exercícios ou simulacros são procedimentos de segurança com o objectivo de preparação e prevenção, em caso de situações de emergência, que detectam eventuais falhas de procedimento, desenvolvem rotinas de comportamento e criam uma cultura de segurança.

---

<sup>15</sup> Cambridge Dictionary

<sup>16</sup> Merriam Webster Dictionary

<sup>17</sup> Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea

## ➤ Falsos cognatos

Falsos cognatos são termos com acepções díspares, não obstante a sua similitude gráfica nas línguas de trabalho. Pode ser uma questão relevante na tradução, caso o tradutor, por distração ou falta de conhecimento, não verifique a presença do falso cognato.

Para Vaz da Silva e Vilar (2003), o falso cognato corresponde a “uma expressão coloquial usada em linguística para referir os signos linguísticos que partilham a mesma etimologia e, conseqüentemente, apresentam formas idênticas ou semelhantes, mas que detêm sentidos diferentes.” Neste sentido, enumeram quatro critérios para determinar a presença de um falso cognato:

- A disposição externa dos signos linguísticos deve apresentar uma semelhança significativa;
- Caso a semelhança seja fonética, as realizações dos termos devem corresponder ao sistema-padrão das línguas de trabalho em análise;
- Os termos devem dar azo a um verdadeiro conflito semântico, quer isolados quer no contexto de fala;
- Os significados distintos devem resultar de acepções com generalidade satisfatória.

Maillot (1975:21) dá o nome de “semelhanças enganadoras” a esta ocorrência: “Assim como uma língua não se enriquece apenas por empréstimo mas também pela imitação, pode-se considerar que as semelhanças enganadoras não se originam unicamente de um empréstimo ou de um modo de formação nálogo, pois há as que são devidas ao emprego num sentido particular de um termo do vocabulário geral perfeitamente definido, sendo que esse sentido pode variar de uma língua para a outra. São tais as semelhanças que podemos chamá-las de semelhanças de transferência.”

Posto isto, considerem-se os casos que se seguem:

(90) “Hostile reconnaissance to support acts of terror, e.g. an **actor** seeks to collect information about a site that may then be used to develop an attack plan or protest action.” – “Reconhecimento hostil para apoiar actos de terrorismo. Ex: um **interveniente** que procura recolher informação sobre um local que possa ter utilização no desenvolvimento de um atentado ou numa acção de protesto.”

Neste exemplo, o termo inglês *actor* surge com a acepção de alguém que faz ou participa em alguma coisa. Preferir o termo português *actor* pecaria, a meu ver, pela conotação quase imediata ao domínio artístico do teatro ou do cinema.

(91) “It may be considered desirable to ask staff **familiar** with the venue to check their immediate surroundings to identify anything out of place.” – “Pode ser necessário pedir aos trabalhadores **familiarizados** com o local que verifiquem as áreas envolventes no sentido de identificar algo fora do vulgar.”

É certo que a posição do adjectivo *familiar* na expressão do texto de partida não deixa dúvidas quanto ao significado desejado pelo autor. Não obstante, num lapso devido a distração, o tradutor poderia optar pelo termo português *familiar*, resultando numa acepção errónea de laços familiares. Efectivamente, o local poderia ser-lhes familiar, mas, adoptando uma construção semelhante à da expressão original, os trabalhadores teriam de estar “familiarizados” com o local, nunca “familiares” com o local.

### ➤ **Termos desconhecidos**

Perante a dificuldade de encontrar um termo da língua de chegada equivalente ao termo da língua de partida, o tradutor pode recorrer a uma série de estratégias. Bell sugere três opções (1991: 49):

- Procurar atribuir um significado ao termo com base no contexto no qual é inserido;
- Ignorar o termo e esperar por mais informação relativa ao contexto que permita atribuir um significado ao termo;
- Rever os termos anteriores que apresentem semelhanças com o termo em questão.

A primeira sugestão de Bell foi seguida para solucionar a dificuldade de tradução do termo sublinhado no seguinte excerto:

(92) “Initiate a search by messaging over a public address system (coded messages avoid unnecessary disruption and alarm), by text message, personal radio or by **telephone**

cascade.” - “Inicie uma busca através de um sistema de mensagens com acesso público (mensagens codificadas evitam distúrbios e inquietação desnecessários), de mensagens escritas, do rádio pessoal ou de uma lista de contactos.”

### ➤ **Siglas**

Os manuais de segurança e policiamento utilizam frequentemente siglas, as quais “são constituídas por iniciais de certas unidades lexicais ou termos muito longos de modo a serem reproduzidos na sua totalidade; são uma consequência da economia do sistema linguístico e do próprio uso (Contente, 2008: 263).

(93) “Chemical, Biological and Radiological material (CBR) attacks have the potential to cause significant harm and disruption.” – “Os atentados com materiais químicos, biológicos ou radiológicos (QBR) têm a capacidade de provocar danos e distúrbios significativos.”

(94) “Unmanned Aircraft Systems (UAS), also commonly referred to as drones or Remotely Piloted Aircraft Systems (RPAS), are aircraft that operate without a pilot being on-board.” - Os sistemas aéreos automatizados (SAA), também designados por drones ou veículos aéreos pilotados por controlo remoto (VAPCR), são aeronaves que operam sem um piloto a bordo.”

Nos excertos (93) e (94), optei por utilizar as iniciais dos termos traduzidos para português, alternativa que pode, porventura, facilitar a identificação do significado das siglas à medida que surgem no texto.

(95) “Modern, commercial buildings such as shopping centres, airport terminals and sports venues typically use a distributed (mechanical) heating, ventilation and air-conditioning (HVAC) system.” - “Os edificios comerciais e modernos, tais como os centros comerciais, terminais de aeroportos e instalações desportivas, usam geralmente sistemas (mecânicos) de aquecimento distribuído, sistemas de ventilação e de ar condicionado.”

Este exemplo não suscitou a possibilidade de criar uma sigla na língua de chegada visto que, sendo o ar condicionado um sistema que regula a temperatura, a humidade, a qualidade e a distribuição do ar, já contém as funções de arrefecimento, aquecimento e ventilação. Para referir o sistema “HVAC” preferi somente a utilização do termo *ar condicionado*.



## Questões Pragmáticas

### ➤ Qualidade do texto de partida

O manual *Crowded Places Guidance* apresenta, por vezes, algumas irregularidades a nível estrutural. Considere-se o seguinte exemplo:

(96) “Do security staff:

- Know the locations where a UAS is most likely to be controlled from?
- What to do if they locate the pilot, whether they are within or outside of the area of land owned by the site?
- Are the procedures appropriate if the threat from UAS increases?
- Is a system in place to assess the impact of any compromises that may have occurred (such as to assess the impact of a loss of sensitive information)?
- Are the policies/procedures compliant with the law?”

O autor procede a uma enumeração de interrogações que, na expectativa do leitor, devem dar continuação ao mote “Do security staff...”, nomeadamente iniciar com um verbo conjugado no presente do indicativo na terceira pessoa do singular, o predicado correspondente ao sujeito “security staff”. Como se pode verificar, apenas os primeiros dois pontos respeitam esta correspondência. Poder-se-ia supor que o autor se esqueceu da forma como iniciou a enumeração à medida que adicionava os pontos. A partir do terceiro ponto, as frases já não apresentam o sujeito “security staff” e perdem qualquer ligação ao início da interrogação:

- No terceiro ponto, “procedures” é o sujeito.
- No quarto ponto, “system” corresponde ao sujeito.
- No quinto ponto, voltamos ao sujeito “policies/procedures”.

O tradutor poderia optar por traduzir o trecho sem resolver a ambiguidade ou, pelo contrário, procurar uma alternativa mais aceitável na língua de chegada. Caso optasse por solucionar a questão, poderia criar uma correspondência entre os três últimos pontos e o começo da interrogação, traduzindo como se o original fosse o seguinte:

“Do security staff:

- Know whether the procedures are appropriate if the threat from UAS increases?
- Know if a system is in place to assess the impact of any compromises that may have occurred?
- Know if the policies/procedures are compliant with the law?”

O seguinte exemplo é, igualmente, demonstrativo, de algumas falhas na coerência textual:

(97) “Locate the Pilot and consider the following:

- Within 150 m of the UAS
- Two hands on control device
- Have a good vantage point/line of sight
- Using a smart phone, tablet, transmitter or a laptop
- Looking towards the UAS
- Something to transport the UAS
- May be surrounded by onlookers
- May have a crowd around them
- May be static or walking
- Behavior significantly different to others around them
- May be wearing First Person View (FPV) goggles”

Há, neste exemplo, diversas lacunas, nomeadamente ao nível dos verbos. Para colmatar a estrutura frásica menos feliz do texto original, optámos pela seguinte tradução:

“Localize o piloto

Repare se:

- Está a menos de 150m do SAA
- Tem as duas mãos no dispositivo de controlo
- Está num bom ponto estratégico/campo de visão

- Utiliza um telemóvel, tablet, transmissor ou computador portátil
- Está a olhar na direcção do SAA
- Tem alguma coisa onde possa transportar o SAA
- Está rodeado por espectadores
- Tem uma multidão à sua volta
- Está parado ou a andar
- O comportamento é substancialmente diferente do das outras pessoas
- Está a usar óculos de First Person View (FPV)<sup>18</sup>”

No que diz respeito à pontuação, o texto de partida também apresenta, frequentemente, algumas incorrecções:

(98) “The exact composition of the ‘immediate actions’ will vary from building to building and in some circumstances an action that may be appropriate for one building may be inappropriate for another.” – “A composição exacta das ‘acções imediatas’ vai variar consoante o edifício e, em determinadas circunstâncias, uma acção que é apropriada para um edifício em particular pode ser inapropriada para outro.”

Na língua inglesa, as vírgulas devem ser empregues na presença de um “parenthetical element”. Este elemento consiste numa frase que adiciona informação extra ao conteúdo e que não altera o sentido da frase caso seja removida.

### ➤ **Tratamento do destinatário**

O tratamento do destinatário está relacionado com o registo ou estilo que se pretende dar a um texto e prende-se com questões linguísticas e não linguísticas. Linguísticas porque se reflecte na escolha da forma usada para fazer referência ao destinatário (pronome pessoal de 1.<sup>a</sup> pessoa, pronome pessoal de 3.<sup>a</sup> pessoa, sintagma nominal pleno, etc.) e não linguísticas porque na base desta escolha estão questões relacionadas com o uso da língua, envolvendo sobretudo normas sociais e culturais relativas à interacção verbal.

Nestes manuais, é recorrente a utilização do pronome pessoal da segunda pessoa, “you”. A sua transferência literal como *tu* ou *você* para o texto de chegada não é

adequada visto que, no português europeu, “o pronome *tu* é empregado como forma própria de intimidade. Usa-se de pais para filhos, de avós ou tios para netos e sobrinhos, entre irmãos ou amigos, entre marido e mulher, entre colegas de faixa etária igual ou próxima” (Lindley/Cintra, 1984:86). A língua portuguesa dá preferência à utilização da terceira pessoa do singular, a orações com sujeito nulo ou à alternativa de adopção de uma expressão nominal. Esta tendência constitui uma marca de informalidade e distanciamento geralmente expectável no domínio dos manuais de segurança e de instruções, como se pode verificar nos exemplos seguintes.

(77) “No-one has more responsibility for your personal security than you.” – “O leitor é o principal responsável pela sua própria segurança.”

(78) “If, however, you assess that you are vulnerable to attack, you should apply appropriate protective security measures to reduce the risk to as low as reasonably practicable.” – “Se, no entanto, verificar que está vulnerável a um atentado, deve aplicar medidas de segurança apropriadas para reduzir o risco o máximo que lhe for possível.”

(79) “Having identified what you need to protect and why, you need to understand what measures your site has in place already, how effective they are and where the vulnerabilities are. The measures you use should be proportionate and cost effective.” – “Após a identificação do que é necessário proteger e porquê, deve verificar as medidas previamente implementadas nas suas instalações, a eficácia das mesmas e quais as suas vulnerabilidades. As medidas que utiliza devem ser proporcionais e rentáveis.”

(80) “So before you invest in additional security measures, review what you already have in place. You may already have a good safety and security culture, on which you can build.” – “Assim sendo, reveja os procedimentos já estabelecidos antes de investir em medidas adicionais de segurança. É possível que já tenha uma boa política de protecção e segurança sobre a qual pode construir.”

## Conclusão

A importância da tradução é incontornável tendo em conta a crescente ligação entre as sociedades dos mais diversos países. É um ofício do passado, do presente e do futuro. E todos acabamos, de uma forma ou de outra, por ser tradutores.

Embora seja uma actividade mais discreta em comparação com outras, tais como a medicina e o direito, tem sido e continua a ser imprescindível para o desenvolvimento da humanidade. A tradução envolve-nos todos os dias, em qualquer lugar. Quantas vezes “não nos vemos frequentemente obrigados a começar por traduzir o discurso de alguém que, sendo em tudo nosso igual, tem, contudo, uma sensibilidade e um ânimo diferentes dos nossos? Nomeadamente quando sentimos que as mesmas palavras na nossa boca teriam um sentido muito diferente ou pelo menos aqui e além um valor mais forte ou mais fraco do que na boca desse outro, e que, se quiséssemos exprimir a mesma opinião dele, nos havíamos de servir, a nosso modo, de palavras e locuções inteiramente diferentes: parece-nos então, quando procuramos definir melhor este sentimento e ele se transforma em objecto do nosso pensamento, que estamos a traduzir.” (Schleiermacher, 2004:25)

A consciência de que a tradução tem uma importância indubitável na sociedade, juntamente com a experiência anteriormente referida na área da música clássica, motivou-me a adquirir conhecimentos aprofundados neste domínio, propondo-me a frequentar o mestrado em tradução oferecido pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. A experiência foi enriquecedora, tanto a nível pessoal como profissional.

Deixo, em jeito de conclusão, o meu desejo de que as questões apresentadas no âmbito deste relatório possam vir a revelar-se um contributo para o exercício de tradução técnica, mormente dos manuais de segurança e policiamento.

## Bibliografia

AIXELÁ, Javier Franco (2004). *The Study of Technical and Scientific Translation: An Examination of its Historical Development*

BAKER, Mona (1992). *In Other Words, a Coursebook on Translation*. London: Routledge.

BASSNETT, Susan (2003). *Estudos de Tradução*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

BELL, ROGER (1991). *Translation and Translating: theory and practice*. London and New York: Longman

BEAUGRANDE, R. A., DRESSLER, W. U. (1981). *Introduction to text linguistics*. London: Longman.

BOOTH, Andrew e SMITH, Hugh (1958). *Aspects of Translation*. London: Secker and Warburg.

BRITO, Ana Maria e RAPOSO, Eduardo (2013). “Interpretação não restritiva dos adjectivos qualificativos em posição pré-nominal.” *Gramática do Português*. Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 1090-1091.

BYRNE, Jody (2006). *Technical Translation Usability Strategies for Translating Technical Documentation*. Dordrecht: Springer.

BYRNE, Jody (2012). *Scientific and Technical Translation Explained*. Manchester: St. Jerome Publishing.

CABRÉ, M. T. (1998). *Terminology: Theory, methods and applications*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.

CATFORD, J. (1965). *A Linguistic Theory of Translation*, London: Oxford University Press.

CAVACO-CRUZ, L. (2012). *Manual Prático e Fundamental de Tradução Técnica*. Independence: Arkonte.

CHAVES, Rui (2013). “Polissemia.” *Gramática do Português*. Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 192-195.

CHESTERMAN, Andrew (1997). *Memes of Translation*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.

CHESTERMAN, Andrew, WAGNER, Emma (2002). *Can Theory Help Translators? A Dialogue Between the Ivory Tower and the Wordface*, Manchester, Northampton: St Jerome Publishing.

CLARAMONTE, María del Carmen África (1995). *Traducción, Manipulación, Deconstrucción*. Salamanca: Ediciones Colegio de España.

CONTENTE, Maria Madalena Dias Marques (2008). *Terminocriatividade, Sinonímia e Equivalência Interlinguística em Medicina*. Lisboa: Colibri.

CUNHA, C. e CINTRA; L. F. L. (1984). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Sá da Costa.

DUARTE, Inês (2003). “Aspectos Linguísticos da Organização Textual.” *Gramática da Língua Portuguesa*. M. H. M. Mateus *et al.*, Caminho, pp. 85-126.

ECO, Umberto (2005). *Dizer quase a mesma coisa – Sobre a Tradução*. Difel.

FARIA, Isabel (2003). “Aspectos da Interação Verbal em Português Europeu.” *Gramática da Língua Portuguesa*. M. H. M. Mateus *et al.*, Caminho, pp. 57-68.

FAWCETT, Peter (1997). *Translation and Language: Linguistic Theories Explained*. Manchester, Northampton: St Jerome Publishing.

GENETTE, Gerard (1997). *Thresholds of Interpretation*. Cambridge: Cambridge University Press.

GOUADEC, Daniel (2007). *Translation as a Profession*. Amsterdam: John Benjamins.

HATIM, B. e MUNDAY, J. (1997). *The Translator as a communicator*. London and New York: Routledge.

HATIM, B. e MUNDAY, J. (2004). *Translation: an Advanced Resource Book*. London and New York: Routledge.

HERMAN, Mark (1993). *Technical Translation Style: Clarity, Concision, Correctness: Scientific and Technical Translation*. Amsterdam: John Benjamins.

JAKOBSON, R. (1959). *On Linguistic Aspects of Translation*. London and New York: Routledge.

KINGSCOTT, Geoffrey (2002). *Technical Translation and Related Disciplines. Perspectives: Studies in Translatology*.

LIMA, Conceição (2010). *Manual de Teoria da Tradução*. Lisboa: edições Colibri.

LONG, Lynne (2005). *Translation and religion: holy untranslatable?* Clevedon: Multilingual Matters.

LÓTMAN, Yuri (1978). *A Estrutura do Texto Artístico*. Trad. M. C. V. Raposo e A. Raposo. Lisboa: Estampa.

LOURENÇO, Frederico (2016). *Bíblia, Novo Testamento, Os Quatro Evangelhos*. Lisboa: Quetzal.

MAILLOT, Jean (1975). *A tradução Científica e Técnica*. São Paulo: Mcgraw-Hill.

MALMKJAER, Kirsten (2005). *Linguistics and the language of translation*. Edinburgh: Edinburgh University Press.

MATEUS, M. H. e XAVIER, M. F. (1992). *Dicionário de Termos Linguísticos*. Lisboa: Cosmos.

MATOS, Fátima Loureiro (2010). *Espaços Públicos e Qualidade de Vida nas Cidades – o Caso da Cidade do Porto*. Relatório de Estágio.

MONIZ, Maria e LOPES, Alexandra (2017). *The age of translation, Early 20<sup>th</sup> century concepts and debates*. Frankfurt am Main: Peter Lang Edition.

MUNDAY, Jeremy (2001). *Introducing Translation Studies: Theories and Applications*. London: Routledge.



- NEWMARK, Peter (1988). *A Textbook of Translation*. New York: Prentice Hall.
- NIDA, Eugene (1964). *Toward a Science Translating: with special reference to principles and procedures involved in Bible translating*. Netherlands: E.J. Brill, Leiden.
- NIDA, Eugene e TABER, Charles (2003). *The Theory and Practice of Translation*. Netherlands, Leiden.
- NORD, Christiane (2005). *Text Analysis in Translation: theory, methodology and didactic application of a model for translation-oriented text analysis*. Amsterdam: Rodopi.
- NORD, Christiane (1997). *Translating as a Purposeful Activity*. Manchester: St. Jerome.
- OLIVEIRA, Fátima (2003). “Modalidade.” *Gramática da Língua Portuguesa*. M. H. M. Mateus *et al.*, Caminho, pp. 245-253.
- OLIVEIRA, Fátima (2013). “Tempo nas formas verbais não finitas.” *Gramática do Português*. Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 547-552.
- PRATA, Ana (2007). *Dicionário Jurídico*, Volume II. Almedina.
- PYM, Anthony (1992). *Translation and Text Transfer. An Essay on the Principles of Intercultural Communication*. Frankfurt-Main/Berlin/Bern/New York/Paris/Vienna: Peter Lang.
- RAPOSO, Eduardo Paiva (1992). *Teoria da Gramática: a Faculdade da Linguagem*. Lisboa: Caminho.
- RAY, Mohit K. (2008). *Studies in Translation*. Delhi, Atlantic Publishers and Distributors.
- REISS, Katharina (2000). *Translation Criticism – The Potentials & Limitations*. Manchester: St. Jerome
- REISS, Katharina y Hans J. Vermeer (1996). *Fundamentos Para Una Teoría Funcional de la Traducción*. Tradução de Sandra Garcia Reina y Celia Martin de Leon. Madrid: Ediciones Akal.

RICHARDS, Jack e SCMIDT, Richard (2013). *Language and Communication*. London: Routledge.

ROBINSON, Douglas (2006). *Becoming a Translator: An Introduction to the Theory and Practice of Translation*. London: Routledge.

SCHLEIERMACHER (2004). *Sobre os Diferentes Métodos de Traduzir*. Porto Editora.

VENUTI, Lawrence (1995). *The Translator's Invisibility.*, London and New York: Routledge.

VINAY, Jean-Paul e DARBELNET, Jean (1995). *Comparative Stylistics of French and English – a Methodology for Translation*. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Publishing Company.

WRIGHT, Sue Ellen e WRIGHT, Leland D. (1993). *Scientific and Technical Translation*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.

## **Sitografia**

*Ciberdúvidas da Língua Portuguesa:* <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt>

*Porhipatia Blogspot:* <http://porhipatia.blogspot.com>

*Priberam:* <https://www.priberam.pt>

*Wikipedia:* <https://pt.wikipedia.org>

## **Dicionários**

Cambridge Dictionary

Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea

Merriam Webster Dictionary

